



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JHULLY HELLEN MEDEIROS DE MENEZES

**IMPLEMENTAÇÃO DOS INDICADORES DE QUALIDADE PELA GESTÃO DOS
CENTROS DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO
VARJÃO/RANGEL EM JOÃO PESSOA – PB**

**JOÃO PESSOA/PB
2021**

JHULLY HELLEN MEDEIROS DE MENEZES

**IMPLEMENTAÇÃO DOS INDICADORES DE QUALIDADE PELA GESTÃO DOS
CENTROS DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO
VARJÃO/RANGEL EM JOÃO PESSOA – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara

**JOÃO PESSOA/PB
2021**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M543i Menezes, Jhully Hellen Medeiros de.

Implementação dos indicadores de qualidade pela gestão dos Centros de Referência em Educação Infantil do bairro Varjão/Rangel em João Pessoa/PB / Jhully Hellen Medeiros de Menezes. - João Pessoa, 2021.
56f.

Orientação: Marcos Angelus Miranda de Alcantara.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Gestão escolar. 2. Educação infantil. 3. Indicadores de qualidade. I. Alcantara, Marcos Angelus Miranda de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37.07(043.2)

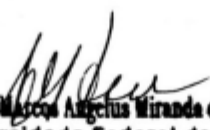
JHULLY HELLEN MEDEIROS DE MENEZES

**IMPLEMENTAÇÃO DOS INDICADORES DE QUALIDADE PELA GESTÃO DOS
CENTROS DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO
VARJÃO/RANGEL EM JOÃO PESSOA – PB**

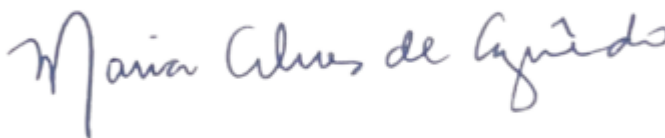
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura em
Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 07 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara
Universidade Federal da Paraíba
CE/DHP - SIAPE 3054964

Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara
DHP/CE/UFPB



Profa. Dra. Maria Alves de Azeredo
DME/CE/UFPB
Examinadora

Documento assinado digitalmente
 Nadia Jane de Sousa
Data: 10/12/2021 11:28:55-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Nádia Jane de Souza
DHP/CE/UFPB
Examinadora

*“Você não sabe o quanto eu caminhei pra
chegar até aqui...”*

Cidade Negra

AGRADECIMENTOS

Concluir esta graduação é para mim, resultado de muito esforço, abdicação e dedicação. O meu muito obrigada a todos que contribuíram para que eu atingisse este objetivo.

Agradeço primeiramente a Deus por minha vida e por me permitir trilhar esta caminhada.

Ao meu pai Jean Clécio (*in memoriam*) que esteve comigo no momento da descoberta da aprovação no SisU, me acompanhou durante a matrícula no curso e no meu primeiro dia de aula, sempre me encorajando a seguir em frente. A minha mãe, Vaneide Medeiros que esteve do meu lado em todos os momentos, me dando força e incentivo para levar adiante este sonho. Essa conquista eu dedico a vocês.

A toda minha família que acompanhou de perto a minha graduação, minha avó Rosinete Trajano (*in memoriam*), que me deu colo em momentos de aflição, a minha tia Glauce e meus tios Gleudson e Wilsefen, pelos seus ensinamentos e paciência.

Ao meu companheiro Lucas Rodrigues que esteve presente em todos os momentos e me deu o maior presente de todos ao final desta graduação.

A toda a minha turma de pedagogia e aos colegas que fiz durante todos esses anos, sobretudo aos meus amigos Ayane, Felipe, Krislânia e Maria Eduarda, que estiveram ao meu lado durante toda a graduação, dividindo as alegrias e preocupações durante o curso. Obrigada por todos esses momentos que levarei comigo por toda a vida.

Ao meu orientador, professor Marcos Angelus, por todos os ensinamentos, paciência, disponibilidade e pela dedicação em contribuir no meu crescimento acadêmico.

As professoras Nádia Jane e Maria Azerêdo, por formarem a banca avaliadora deste TCC e a todos os professores com quem tive a oportunidade de estudar.

RESUMO

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica. Está assegurada como direito, presente nos dispositivos legais, como a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/1996 e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Este Trabalho de Conclusão de Curso é o fruto da pesquisa focada em analisar o modo como a gestão de dois CREIs do bairro Varjão/Rangel implementaram os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, visando o bem-estar das crianças e seu desenvolvimento pleno. Os autores com os quais dialogamos teoricamente para fundamentar este trabalho são Ariès (1978), Postman (1999), Sarmiento (2004), Spada (2005), Finco, Gobbi e Faria (2015) sobre Infância; Oliveira (2013), Paro (1998, 2001, 2003, 2010), Honorato (2012), Lück (2000, 2002), Veiga (2004) sobre Gestão Educacional. A coleta de dados se deu através de entrevistas semiestruturadas (FRASER e GONDIM, 2004) e a análise dos dados se deu por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Os resultados da análise apontam para uma falta de informações sobre os Indicadores de Qualidade por parte das gestoras entrevistadas, embora verificamos que diversas práticas dos CREIs convergem com alguns Indicadores. Contudo, a falta de conhecimento constatada sinaliza a necessidade de uma gestão que conduza uma avaliação mais sistemática das práticas dos CREIs.

Palavras-Chave: Gestão Escolar. Educação Infantil. Indicadores de Qualidade.

ABSTRACT

Early Childhood Education is the first stage of Basic Education. It is guaranteed as a right, present in legal provisions, such as the Federal Constitution of 1988, the Law of Directives and Bases for National Education – LDB 9,394/1996 and the Statute of Children and Adolescents – ECA. This Course Completion Work is the result of research focused on analyzing how the management of two Reference Centers in Early Childhood Education – CREI in the Varjão/Rangel neighborhood implemented the Quality Indicators of Early Childhood Education, aiming at the well-being of children and their full development. The authors with whom we dialogue theoretically to support this work are Ariès (1978), Postman (1999), Sarmento (2004), Spada (2005), Finco, Gobbi and Faria (2015) on Childhood; Oliveira (2013), Paro (1998, 2001, 2003, 2010), Honorato (2012), Lück (2000, 2002), Veiga (2004) on Educational Management. Data collection took place through semi-structured interviews (FRASER and GONDIM, 2004) and data analysis took place through content analysis (BARDIN, 1977). The results of the analysis point to a lack of information about the Quality Indicators on the part of the managers interviewed, although we found that several CREI practices converge with some Indicators. However, the lack of knowledge found signals the need for a management that conducts a more systematic evaluation of the practices of CREI.

Keywords: School Management. Early Childhood Education. Quality Indicators.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A GESTÃO EDUCACIONAL NA ORDEM DE UM ITINERÁRIO AO MESMO TEMPO SUBJETIVO, POLÍTICO-PEDAGÓGICO E ACADÊMICO	11
1.2 A GESTÃO DEMOCRÁTICA COMO MEDIADORA DA IMPLEMENTAÇÃO DOS INDICADORES DE QUALIDADE NOS CREIS DO BAIRRO VARJÃO/RANGEL: A DELIMITAÇÃO DE UM OBJETO E A FORMULAÇÃO DE UM PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.3 A GESTÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DOS INDICADORES DE QUALIDADE: ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO TRABALHO.....	17
 2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL À LUZ DOS PRINCÍPIOS DA GESTÃO DEMOCRÁTICA	18
2.1 A INFÂNCIA COMO UM CONCEITO EM MOVIMENTO	18
2.2 A INFÂNCIA COMO LUGAR DE CIDADANIA E A CRIANÇA COMO SUJEITO DE DIREITOS	20
2.3 A IMPLEMENTAÇÃO DOS INDICADORES DE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA	22
2.4 O ENFOQUE FENOMENOLÓGICO DA PESQUISA SOBRE A GESTÃO DOS CREIS DO BAIRRO VARJÃO/RANGEL	26
 3 UMA ANÁLISE A LUZ DOS INDICADORES DE QUALIDADE: DIÁLOGOS COM AS GESTORAS DOS CREIS.....	30
3.1 GESTÃO, EDUCAÇÃO INFANTIL E O CONTEXTO LOCAL	30
3.2 A GESTÃO DA ROTINA PEDAGÓGICA DOS CREIS	32
3.3 A GESTÃO DOS CREIS E OS CONHECIMENTOS SOBRE OS INDICADORES DE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL	35
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
 REFERÊNCIAS	42

APÊNDICE	46
APÊNDICE I: ENTREVISTA TRANSCRITA NA ÍNTEGRA (CREI ROSA ANDRADE DE LIMA).....	46
APÊNDICE II: ENTREVISTA TRANSCRITA NA ÍNTEGRA (CREI SÃO FRANCISCO).....	50

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil requer uma gestão específica, que assegure às crianças um ambiente adequado, focado em suas necessidades. Para isso, é necessária uma gestão democrática, por meio da qual toda a comunidade participe ativamente do funcionamento da instituição, buscando melhorias para o desenvolvimento pleno das crianças. Conforme nosso objeto de pesquisa, três eixos foram destacados: educação infantil, gestão educacional e indicadores de qualidade da educação infantil. Neste capítulo abordamos a relevância de pesquisar sob estas três vertentes. O objetivo geral deste trabalho é analisar de que modo a gestão dos Centros de Referência em Educação Infantil (CREIs) do bairro Varjão/Rangel implementou os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil. O capítulo é finalizado com uma exposição da estrutura do trabalho.

1.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A GESTÃO EDUCACIONAL NA ORDEM DE UM ITINERÁRIO AO MESMO TEMPO SUBJETIVO, POLÍTICO-PEDAGÓGICO E ACADÊMICO

Meu interesse pela problemática da gestão educacional se deu, a princípio, no quarto semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ao cursar as disciplinas de Gestão Educacional e Estágio em Gestão Educacional. A partir daí, busquei estudar cada vez mais sobre o assunto e participei como aluna colaboradora no Projeto de Extensão PROBEX/2019 – *Gestão Educacional e Educação Popular: a construção de uma proposta formativa para profissionais da Educação Básica* – coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara. Um dos objetivos desse projeto foi viabilizar a interlocução entre Gestão Educacional e suas interfaces com a Educação Popular, a Universidade e os profissionais da Educação Básica vinculados à rede municipal e estadual, na cidade de João Pessoa.

Como estudante do Curso de Pedagogia pude me inserir na construção de uma proposta pedagógica sistematicamente organizada da seguinte maneira: acesso à produção acadêmica nas linhas de pesquisa de Política Educacional e de Educação Popular do PPGE/UFPB; organização de um curso de extensão a partir da definição de seu formato geral, das temáticas centrais, dos palestrantes a serem convidados, das oficinas e das dinâmicas empregadas; identificação e mapeamento do público-alvo da proposta formativa no universo de profissionais da educação básica da cidade de João Pessoa.

A minha experiência pessoal participando do Projeto de Extensão foi extremamente proveitosa, me proporcionou visitas semanais às escolas do Município de João Pessoa, estando o tempo inteiro em contato com a gestão e com a equipe técnica destas. Através do Projeto de Extensão, participei de eventos onde tive a oportunidade de estar por dentro de discussões sobre gestão educacional, como por exemplo, o Pré-ENEX; V Encontro de Pesquisas e Práticas em Educação do Campo da Paraíba (EPPEC) e o XX Encontro de Extensão (ENEX/2019). O Projeto de Extensão teve como resultado o Curso de Extensão – Formação de Gestores em Educação Popular (FOGEP), que ocorreu aos sábados no Centro de Educação da UFPB no primeiro semestre do ano de 2020.

Por meio desse trabalho realizado com a gestão escolar e sabendo do meu interesse prévio pela Educação Infantil, resolvi investigar algum objeto que estivesse situado na relação entre essas duas áreas da pedagogia. Minha mãe também fora professora de Educação Infantil. O desejo de trilhar os mesmos passos que ela esteve firme em mim desde muito cedo. Esse interesse se fortaleceu quando participei por 18 meses do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o qual foi um dos maiores aprendizados da minha vida acadêmica. Ao cursar a disciplina de Organização e Prática da Educação Infantil, estudei os Indicadores de Qualidade da Educação e decidi trazê-lo para minha pesquisa, à qual fiz em dois Centros de Referência em Educação Infantil (CREIs), no bairro em que resido, no município de João Pessoa/PB, o Varjão, popularmente conhecido como Rangel.

O bairro conta com 4701 domicílios e uma população estimada de 16.973 habitantes, em sua grande maioria, quase 80%, com renda de até um salário-mínimo, de acordo com os dados do último censo disponível do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). O critério de escolha da localidade para a realização da minha pesquisa também não deixa de ser justificado subjetivamente, visto que foi o bairro em que nasci, cresci, estudei nas escolas e vivo até hoje. Mas também é uma escolha que toca a dimensão político-social por se tratar de um bairro popular em que as famílias precisam trabalhar e necessitam desse apoio oferecido pelos CREIS, para que as crianças tenham o cuidado necessário dentro desses espaços educativos.

Nesse sentido, justificar socialmente uma pesquisa com uma problemática situada nessa correlação entre gestão educacional e educação infantil, implica entender que essa etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança. Por integral, entendemos seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Por esse motivo, carece de uma gestão específica, focada nas

necessidades de crianças pequenas. Sendo assim, todos os âmbitos da instituição precisam dedicar-se para exercer as funções de forma a auxiliar as crianças.

A Educação Infantil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB/9394/96, é a primeira etapa da educação básica. É a única que está vinculada necessariamente a uma idade própria: atende crianças de zero a três anos na creche e de quatro e cinco anos na pré-escola. A LDB/9394/96 define a educação infantil como sendo:

Art. 29. [...] Primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. [...] II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. [...] Art. 31. A educação infantil será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: I - avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental; II - carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional; III - atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral; IV - controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas; V - expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Saviani (2003, p. 43) apontou a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei 9.394/1996), como sendo a de maior importância para a história da Educação Infantil brasileira. A Constituição Federal de 1988 explicita o direito das crianças a receber, desde o nascimento, atendimento educacional em creches (0 a 3 anos) e pré-escolas (4 a 6 anos), como um dever do Estado com a educação escolar pública. A educação infantil também figura como um direito dos pais trabalhadores urbanos e rurais à assistência gratuita aos filhos e dependentes em creches e pré-escolas. Esse direito a uma educação pública e gratuita foi reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), publicado em 1990 (BRASIL, 1990).

No artigo 53 do ECA, a criança e o adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes: “I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade.” (ECA, 8069/90). Deste modo, é

inequívoco afirmar a relevância social e político-pedagógica da Educação Infantil ao ponto de estar no debate político e amparada nos dispositivos legais na legislação educacional do Brasil.

A pesquisa é válida também no âmbito acadêmico, para que outros estudantes tenham acesso a essas informações. Para a elaboração deste trabalho foi realizado um levantamento no Repositório Institucional da Universidade Federal da Paraíba. Ao fazer o recorte do ano de 2018 acerca da gestão da educação infantil, foram identificados 131 (cento e trinta e um) TCCs. Até o presente momento, não identificamos TCCs que articulem estudos sobre Educação Infantil, Gestão Educacional e Indicadores de Qualidade, como buscamos realizar, o que evidencia a relevância deste trabalho no âmbito acadêmico.

Em suma, minha experiência pessoal e minha trajetória na Universidade Federal da Paraíba no Curso de Pedagogia, aliadas as minhas vivências no PIBID, PROBEX (2019) e com o Curso de Extensão (FOGEP/2020); a presença da Gestão e da Educação Infantil no debate político-pedagógico e na produção acadêmica da UFPB sobre a temática, evidenciam a relevância do problema e justificam este trabalho.

1.2 A GESTÃO DEMOCRÁTICA COMO MEDIADORA DA IMPLEMENTAÇÃO DOS INDICADORES DE QUALIDADE NOS CREIS DO BAIRRO VARJÃO/RANGEL: A DELIMITAÇÃO DE UM OBJETO E A FORMULAÇÃO DE UM PROBLEMA DE PESQUISA

Na Universidade Federal da Paraíba, no curso de Pedagogia, o tema da Gestão da Educação Infantil é abordado de diversas maneiras. De acordo com o levantamento realizado no Repositório da UFPB no ano de 2018, é válido ressaltar que alguns dos TCCs foram finalizados em 2017 e publicados no RI apenas em 2018, por esse motivo aparecem a seguir. Dos 131 (cento e trinta e um) TCCs encontrados, 19 (dezenove) tem como assunto principal a Educação Infantil. Destes, 7 (sete) tem como objeto de estudo a Gestão e o Espaço Escolar.

Félix (2017) buscou identificar e analisar os problemas causados pela ausência da família na vida escolar das crianças. Trata-se de um estudo qualitativo, com uma pesquisa de campo em uma escola pública. Os participantes do estudo foram as professoras, a gestora e famílias daquela escola. Marques (2017) estudou os processos democráticos que norteiam a Gestão em uma Escola Municipal em Itaporanga – PB. Padilha (2017) buscou instigar na criança a ludicidade como transformadora do espaço escolar, mediante a interação e socialização entre o aprendiz e o aprendente, através de entrevista com a gestora, professora do Pré I da Creche Hilda Barbalho, localizada na cidade Pitimbu/PB. Holanda (2017) procurou

verificar as práticas da gestão no cotidiano escolar, identificar os princípios da Educação do Campo vivenciados nas práticas de gestão e analisar os aspectos de mudança percebidos na gestão da escola. A pesquisa teve abordagem qualitativa e natureza exploratória, apresentando-se como um estudo de caso. Dantas (2018) traz uma discussão sobre a compreensão da indissociabilidade entre o cuidar e educar, a partir das práticas desenvolvidas em uma Instituição de Educação Infantil a partir da observação das vivências em uma sala de berçário. Silva (2018) investiga de que maneira como a organização dos espaços pedagógicos na Educação Infantil vem sendo concebidos pelos professores. Gomes (2018) tratou de ressaltar como devem ser estruturadas as rotinas e a organização do tempo e do espaço no cotidiano escolar segundo as políticas educacionais para Educação Infantil.

De acordo com Félix (2017) é dever da escola envolver os pais e familiares no desenvolvimento das propostas pedagógicas visando o bom desempenho escolar da criança, procurando respeitar as diferenças, sejam elas físicas, raciais, sociais, culturais, econômicas ou intelectuais. A autora afirma que da mesma forma que o apoio da família é importante, também é necessário para o ensino-aprendizagem que o docente conheça o seu aluno, a família dele, tenha afeto e contato com o alunado e seu cunho familiar.

Para Marques (2017) todos os que estão envolvidos no processo educativo tem o dever de buscar mudanças, para que a gestão democrática possa ser concretizada. Todos devem caminhar juntos, o gestor, os professores, funcionários, alunos e a comunidade, e todos devem compreender a sua responsabilidade, pois cada decisão atinge a todos. Dessa maneira, promover a participação de todas as partes é aproximar os membros da escola e dessa forma, garantir uma Gestão Democrática. Conforme Marques (2018), a família e a escola têm papéis importante e conjuntos na construção dos valores da criança, de forma que ambas são a base da vida social do indivíduo. Essa parceria só traz benefícios para os dois lados, pois é indispensável a participação da família na escolarização dos filhos, e responsabilidade tanto da escola como dos pais, ensinar a criança e fazê-la um adulto consciente de seus direitos e deveres.

Padilha (2017) destaca que é responsabilidade da escola promover a socialização entre os saberes e fazeres pedagógicos nas instituições públicas, visto que ela contribui para a assistência das atividades educacionais, tendo em vista o espaço no qual a criança está inserida.

Holanda (2017) apresenta reflexões sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) das instituições como um instrumento da gestão democrática, que apresenta as intenções, os objetivos, as pretensões e os ideais da comunidade escolar, e para ser construído e implementado, se faz necessária a participação de todos que fazem parte da escola e do local onde está inserida. Sobre o processo de construção e implementação do PPP, afirma que

para não cair num vazio, não pode prescindir da participação ativa dos atores locais: a comunidade escolar, através de práticas que considerem e se adaptem às especificidades de cada escola e à sua cultura, manifestas nos ritos e práticas dantes mencionados e na consideração da origem dos mesmos (AZEVEDO, apud. HOLANDA, 2017, p. 32).

Sendo assim, toda a comunidade deve se envolver no processo, pois são esses os sujeitos que trarão as especificidades do povo que ali vive para o PPP.

Para Dantas (2018) há uma confusão sobre o papel das creches. A autora cita Vitta e Emmel (2004), que em uma entrevista com algumas educadoras, ficou claro em seus discursos o vínculo das instituições com um caráter assistencialista, onde muitas pessoas veem essa instituição como um local onde as mães que trabalham deixam seus filhos e as profissionais devem suprir a falta da família.

O que foi dito demonstra que em alguns casos, as práticas das profissionais são direcionadas a experiências pessoais e maternas. Dantas (2018) afirma que as Instituições de Educação Infantil têm a função de cuidar e educar as crianças, indissociavelmente. Porém, muitas vezes essa concepção não passa do papel e em várias creches se pode notar o modelo assistencialista ainda presente nas práticas e discursos de educadoras.

De acordo com Silva (2018) as crianças precisam encontrar no ambiente escolar as condições que lhes permitam se sentir confortáveis, seguras e amparadas nesse lugar que ainda é estranho e desconhecido. Caso aconteça o contrário, o cenário pode ser decisivo para sucesso ou fracasso das próximas etapas de ensino. Dessa forma, as crianças precisam encontrar nos CREIs e pré-escolas, um espaço mais semelhante ao núcleo familiar, e os pais e responsáveis devem reconhecer esse espaço como direito legítimo das crianças ofertado pelo Estado.

Por fim, Gomes (2018) analisa a organização do tempo e do espaço na criação da rotina na Educação Infantil e reflete que para promover uma aprendizagem qualitativa, se faz necessário um ambiente organizado, visto que a organização reflete quem vive no ambiente. Sendo assim, a organização se faz necessária para possibilitar à criança autonomia, interação, motivação, entre outros. Quando as atividades nos CREIs acontecem seguindo uma rotina, assim como uma sequência didática, possibilitam às crianças a se orientarem na relação tempo/espaço, levando-as a interagir com outras crianças, favorecendo as relações e o desenvolvimento psicossocial, cognitivo e afetivo das crianças em espaços escolares, incluindo o desenvolvimento da criatividade e interação com o mundo em que vive.

Os Trabalhos de Conclusão de Curso que foram apresentados, levantaram questões sobre o dever da escola em criar subsídios para que a gestão ocorra de forma democrática, como

também o papel das famílias responsáveis nesse processo. Também levaram em conta as especificidades dos ambientes que ofertam a Educação Infantil.

A Educação Infantil é marcada por avanços e por ameaças de retrocessos, visto que, até os dias de hoje é preocupante o acesso aos CREIS. Nesse sentido, se faz necessário uma análise de como a Educação Infantil vem sendo ofertada e se as crianças estão de fato em um ambiente que lhes é assegurado por lei. Partindo do que foi exposto, a minha pesquisa tem por objeto o *modo como a gestão dos CREIS localizados no bairro do Varjão/Rangel implementam os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil*. Buscamos compreender se os contemplam, de fato, e se as crianças estão inseridas em um espaço de qualidade. O problema central deste estudo pode ser formulado por meio da seguinte questão: *de que modo a Gestão dos CREIS do bairro Varjão/Rangel implementou os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil?*

1.3 A GESTÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DOS INDICADORES: ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO TRABALHO

No primeiro capítulo deste trabalho, foi abordado previamente a relevância da gestão da educação infantil, o objeto da pesquisa foi delimitado e a questão problema foi formulada. Em seguida, apresentamos a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo, adentramos ao contexto histórico da infância, trazemos um breve apanhado histórico, o surgimento e desenvolvimento das instituições de educação para crianças, bem como as leis que asseguram os direitos das crianças. Além da elaboração da pesquisa.

No terceiro e último capítulo deste trabalho, apresentamos a análise das entrevistas realizadas com as gestoras de dois CREIs do bairro Varjão/Rangel, refletindo sobre a implementação dos indicadores de qualidade da educação infantil, assim como a compreensão e as experiências das gestoras.

Nas considerações finais, retomamos os objetivos desta pesquisa e sintetizamos os resultados, avaliando se foi possível atingir os objetivos da pesquisa.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL À LUZ DOS PRINCÍPIOS DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Este capítulo tem como principal objetivo apresentar o contexto histórico da infância, o surgimento e desenvolvimento de instituições de educação para crianças, as leis que asseguram esse direito, e a elaboração da pesquisa. Dessa forma, realizamos um breve apanhado histórico sobre o surgimento da infância, buscando apresentar como a criança era vista nos séculos passados e como essa visão vem sendo reconstruída ao longo da história. Em seguida, discutimos sobre a infância como lugar de cidadania e a criança como sujeito de direitos, no contexto do surgimento das creches e os objetivos em razão disso, bem como, o estudo sobre as instituições de educação para crianças, com o intuito de evidenciar como é necessário proporcionar a elas um ambiente adequado. O capítulo também aborda uma reflexão sobre os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil na perspectiva da Gestão Democrática. Finalmente, apresentamos o enfoque fenomenológico da pesquisa sobre como a gestão dos CREIS do bairro Varjão/Rangel, os instrumentos da pesquisa que foram realizadas, bem como, os detalhes para sua elaboração.

2.1 A INFÂNCIA COMO UM CONCEITO EM MOVIMENTO

Nos dias atuais, ao nos remetermos à infância, logo imaginamos um pequeno ser indefeso, carente de cuidados e dependente de um adulto para absolutamente tudo. Ao imaginar uma criança saudável, logo vem à mente brincadeiras, jogos e diversão. Ao ser cuidada, pensamos em uma criança frequentando lugares apropriados para sua idade, onde o adulto propicia meios para que ela possa se desenvolver de forma adequada. Voltando alguns séculos, podemos notar que essas noções de infância não prevaleciam e a verdade era bem diferente do que hoje conhecemos.

De acordo com Ariès (1978), a velha sociedade tradicional do século XV mal via a criança. De criancinha pequena, se transformava em homem jovem, sem passar pelas fases da juventude. A sociedade analisada pelo autor chama de “paparicação” um sentimento superficial dos adultos para as crianças, o qual era reservado às crianças em seus primeiros anos de vida. As pessoas se divertiam com a criança e se ela morresse, como acontecia diversas vezes, algumas pessoas podiam ficar desoladas, “mas a regra geral era não fazer muito caso” (ARIÈS, 1978, p. 10), pois uma outra criança logo a substituiria. Ao passar essa fase de “paparicação”, era normal que a criança passasse a viver longe da família.

Conforme Postman (1999) a concepção de infância que conhecemos atualmente é uma invenção da modernidade. A infância da atualidade não existia até o fim da Idade Média e se originou na Renascença. Na era medieval não existia uma concepção clara de desenvolvimento infantil. No decorrer dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, as mudanças foram ocorrendo de maneira a tornar visível a diferença entre crianças e adultos. Segundo ARIÈS (1978), desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida.

Por volta do século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval a desconhecia. Dessa maneira, apenas a partir do século XVII, houve um processo de alteração na noção sobre infância. A partir daí, as primeiras instituições para ensinar crianças pequenas começaram a surgir. O conceito de infância sofreu significativas alterações com o passar dos séculos “[...] a construção da infância historicamente se deu com processos complexos, com a estruturação do cotidiano e mundos de vidas, bem como as criações de organizações sociais para as crianças, foram decisivas para a melhoria da qualidade de vida infantil” (SARMENTO, 2004).

Atualmente, a infância saudável, aquela em que as crianças tem o desenvolvimento integral, brincam, imaginam, constroem, interagem, etc. tem sido substituída por uma infância adultizada e consumista¹, que para Postman (1999) se caracteriza em um retrocesso, pois a modernidade trouxe a adultização da infância novamente. Famílias transformam as crianças em miniadultos, excluindo o período da infância da vida da criança, por isso a infância tem sido ignorada pela sociedade. Em sua perspectiva, os meios de comunicação afetam diretamente o processo de socialização. Por exemplo, a prensa tipográfica criou a infância e a mídia eletrônica tem feito ela desaparecer.

Na palestra “Contexto da Infância no Brasil”², Mário Volpi (Coordenador do Programa de Cidadania dos Adolescentes do Unicef no Brasil) traz algumas transições importantes, sendo algumas delas: transição da ideia da incapacidade da infância, para que em vez de tratarmos as crianças como seres incapazes, tratarmos como pessoas em uma situação peculiar de desenvolvimento, pois estão em um processo que só acontece nessa fase da vida. A criança vive uma situação especial de processos cognitivos e relacionais de aprendizagem que são únicos nessa fase da vida. É necessário criar uma mediação para que o adulto mude a ideia de

¹ A infância consumista decorre em grande parte de influências midiáticas. Para saber mais, acesse: <<https://criancaeconsumo.org.br/consumismo-infantil/>>

² A palestra “Contexto da Infância no Brasil” foi ministrada por Mário Volpi durante o Workshop “Crianças do Brasil”, transmitido pela TV Cultura. Saiba mais em: <<http://cmais.com.br/desigualdade-social-na-infancia-ainda-e-desafio>>

incapacidade para pessoa em desenvolvimento e ajude a criança nesse momento. Segundo Volpi, essa mediação pedagógica, de acordo com Paulo Freire, é dada por um adulto que tem uma experiência anterior na história, uma existência anterior no mundo, e vivências significativas a partilhar.

2.2 A INFÂNCIA COMO LUGAR DE CIDADANIA E A CRIANÇA COMO SUJEITO DE DIREITOS

Em mais uma perspectiva, outra transição importante é a da criança como um objeto do controle e poder do adulto, para uma criança que é sujeito de direitos e responsabilidades, sujeito com história e capacidade de tomar decisões e criar hipóteses. Essa transição tem a finalidade de resgatar o papel de educador do adulto. Em outras palavras, trata-se de superar o autoritarismo e substituí-lo por uma autoridade pedagógica que dialoga, reflete e entende. Em suma, superar também a negligência daqueles que abdicam da tarefa educativa.

Conforme já justificamos, a Educação Infantil é reconhecida por meio de diversos dispositivos legais (Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, e LDB/93/94/96) como direito da criança desde o nascimento, e vem se tornando uma demanda significativa no âmbito educacional. De acordo com o que foi apresentado, a educação infantil demanda da gestão escolar um suporte maior e mais específico.

Partindo do ponto em que as instituições de educação para crianças são instituições sociais e coletivas, essa pesquisa se desenvolve nesse espaço, com foco em analisar e refletir sobre o lugar no qual as crianças frequentam, vivendo parte de sua infância, e se esse lugar dispõe de elementos para que elas se desenvolvam abarcando todas as suas dimensões.

Sendo essas dimensões a cognitiva, lúdica, afetiva, física, entre outras, é necessário pensar um espaço de educação de crianças como um lugar que se adéque às necessidades das mesmas, onde exista educação e cuidado. Nesse local, é papel do professor ofertar momentos de participação das crianças, incluindo-as nos momentos de socialização, de escolhas, para que elas possam construir confiança, sociabilidade, atenção e a experiência de cidadania. O fundamental é valorizar a criança como pessoa de direitos.

Se faz necessário pensar o lugar das instituições de educação com reflexão, buscando os recursos para que as crianças desfrutem de sua infância da forma mais ampla e completa, onde elas possam construir identidade. Para isso, a equipe pedagógica e gestora da instituição deve se organizar em prol desse fim, utilizando técnicas de orientação e auxílio no processo de desenvolvimento, respeitando o tempo e maneira de cada criança em sua singularidade.

Para uma melhor compreensão acerca das instituições de educação para crianças, é preciso retornar um pouco no passado, mais especificamente no final do século XIX, quando ocorreu o surgimento das creches. A partir do momento em que a mão de obra feminina foi liberada – em sua maioria, mulheres pobres – as mães não tinham mais a possibilidade de oferecer cuidados para os filhos em tempo integral e necessitavam desse apoio. Desenvolveu-se uma urgência em criar locais onde essas crianças pudessem ficar enquanto os pais se dispunham ao trabalho. As mulheres, a partir do avanço do capitalismo, passaram a denunciar as condições de trabalho e exploração da mão de obra, por exercerem dupla jornada de trabalho, em casa e fora. Devido a isso, inicialmente, as creches foram consideradas um direito trabalhista, estando, inclusive, na CLT – Consolidação das Leis do Trabalho, em 1943:

§ 1º - Os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos 30 (trinta) mulheres com mais de 16 (dezesseis) anos de idade terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período da amamentação. (Incluído pelo Decreto-lei nº 229, de 28.2.1967).

Dessa forma, por causa da carência de orientação pedagógica, as creches eram vistas como locais de acolhimento e amparo, criando uma visão assistencialista dessas instituições. Devido à ausência de fiscalização e a enorme demanda de famílias que precisavam desses locais para deixar os filhos enquanto trabalhavam, fundaram-se incontáveis instituições, porém sem as menores condições para funcionarem. Assim sendo, propagou-se a concepção de que as creches apenas amparavam as crianças e por isso, não eram de interesse do governo, que se negava a fiscalizar e se responsabilizar por essas instituições, deixando-as à margem, mantidas através de caridade e serviços filantrópicos. Dito isso, essas instituições não eram aceitas como lugares válidos para receber as crianças, mas, mesmo sendo locais inadequados, eram fundamentais para auxiliar os responsáveis pelas crianças. A causa dessa inadequação era a ausência de organização e orientação pedagógica, resultante da industrialização e inserção das mulheres no mercado de trabalho. A creche ficou sendo tida como local de acolhimento, sendo substitutas e auxiliares das famílias (SPADA, 2005).

Desde a década de 1970, a creche passou a ser uma instituição em expansão no Brasil, as mulheres retomavam o movimento feminista e levantavam bandeiras, colocando questões pessoais, da vida cotidiana no âmbito político. Dentre essas bandeiras, estava a creche na agenda do debate feminista e o direito das crianças pequenas. A partir disso, as crianças começaram a despontar nas políticas públicas como cidadãos em desenvolvimento. Conforme Finco, Gobbi e Faria (2015, p. 25):

as feministas exigiam creche como espaço de socialização de crianças e isso implica em adquirir qualidade profissional e condições adequadas para todos os atores envolvidos: crianças, mães, pais e profissionais. Havia palavras de ordem como: creche não é depósito de crianças; creche não é caridade, é um direito! Creche não é estacionamento! Cabe ao estado garantir políticas públicas que propiciem espaços sociais e pedagógicos para que as crianças pequenas sejam acolhidas e socializadas. Assim as feministas e o movimento de mulheres politizaram a creche.

A partir desse movimento de luta por direitos, as creches foram tornando-se direito da criança e não mais direito da mãe trabalhadora, transformando o ambiente em lugar de educação, não apenas local de assistencialismo. A história da modificação das creches como instituição de educação no país é muito recente, inclusive, foram vinculadas as Secretarias da Educação após a promulgação da Constituição Federal de 1988. Dessa forma, a creche como instituição de educação de crianças é algo em fase de ajustes e progressos. A compreensão dos professores e gestores acerca disso também é, por isso, retornar a história da criação das creches, procurar compreender de forma apropriada o seu progresso, a fim de estudar para aperfeiçoar o seu desempenho e colaborar com a evolução da educação para crianças, discutindo, refletindo e pesquisando sobre formação de professores, é indispensável para proporcionar as crianças o melhor lugar para se desenvolverem e propiciar o alicerce da creche como instituição de educação para crianças.

2.3 A IMPLEMENTAÇÃO DOS INDICADORES DE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Para melhor definir do que se trata os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, segue a definição retirada do site oficial³:

os Indicadores de Qualidade na Educação são uma metodologia de autoavaliação escolar que reúne indicadores educacionais qualitativos de fácil compreensão, concebidos para que toda a comunidade avalie a realidade em que está inserida, identifique prioridades, estabeleça planos de ação, monitore seus resultados e apresente reivindicações e propostas às políticas educacionais. Com processos participativos, o uso da coleção vem subsidiando atividades de diagnóstico escolar, de formação de gestores(as) e equipes escolares, de controle social e de monitoramento de planos de educação e políticas educacionais. Por envolver estudantes, professores(as), gestores(as), familiares, funcionários(as), representantes de organizações locais, entre outros atores no processo de avaliação de qualidade, os

³ Disponível em: <<http://www.indicadoreseducacao.org.br/>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

Indicadores têm se mostrado muito efetivos para a ampliação do diálogo entre a escola, as famílias e os órgãos do sistema educacional. O conceito de qualidade presente na coleção *Indique* destaca as condições concretas de atendimento educacional (infraestrutura, condições de trabalho dos/das profissionais de educação, número de estudantes por turma, etc), os processos de realização do trabalho nas unidades educacionais (tempo de trabalho coletivo, formação continuada de profissionais da educação, gestão democrática, planejamento e avaliação, etc.) e a relação entre esses e os resultados educacionais que se almeja. Trata-se de uma proposta ancorada na participação da comunidade escolar e que tem em vista os desafios referentes à superação das desigualdades e das discriminações nas instituições educativas.

O que buscamos identificar nas instituições de educação infantil analisadas neste trabalho, são as dimensões dos indicadores de qualidade, que se dividem em sete dimensões e seus subtópicos, são elas: planejamento institucional; multiplicidade de experiências e linguagens; interações; promoção da saúde; espaços, materiais e mobiliários; formação e condição de trabalho das professoras e demais profissionais, e por último, cooperação e troca com as famílias e participação na rede de proteção social.

Tendo exemplificado, é essencial que a gestão escolar esteja consciente dessa metodologia e apta a aplicá-la nas instituições, para isso, é preciso que a gestão seja democrática para que possa pôr em prática os fundamentos deste documento.

A gestão educacional, de acordo com Oliveira (2013), não pode ser neutra. Não pode ser distante do movimento social, político, econômico, cultural, científico, pois para exercer o seu ofício, o(a) gestor(a) deve ser sensível às transformações que ocorrem no mundo, no seu país e na sua localidade. Tendo isso em vista, a gestão educacional está associada ao dever de construir políticas públicas e institucionais. Precisamos levar em consideração que

a administração escolar está, assim, organicamente ligada à totalidade social, onde ela se realiza e exerce sua ação e onde, ao mesmo tempo, encontra as fontes de seus condicionantes. Para um tratamento objetivo da atividade administrativa escolar é preciso, portanto, que a análise dos elementos mais especificamente relacionados à administração e à escola seja feita em íntima relação com o exame da maneira como está a sociedade organizada e das forças econômicas, políticas e sociais aí presentes (PARO, 2008, p. 13).

Na gestão democrática da escola já está necessariamente implícita a participação da população em tal processo (PARO, 2003). Para que a gestão seja de fato democrática, é necessário que haja um ambiente participativo e estimulante para embasar essa participação. Honorato (2012, p. 4) apresenta que

o foco da gestão escolar é a relação que é desenvolvida dentro dos limites da escola e do seu entorno comunitário. Lück (2002) comenta seis motivos para

se optar pela participação na Gestão Escolar: melhorar a qualidade pedagógica; currículos concretos, atuais e dentro da realidade; aumentar o profissionalismo docente; evitar o isolamento dos diretores e professores; motivar o apoio comunitário às escolas; e, desenvolver objetivos comuns na comunidade escolar.

Para Lück (2000, p. 2), a gestão escolar tem eficácia quando quem está na liderança estimula os professores, funcionários, pais, alunos e a comunidade a “utilizarem o seu potencial na promoção de um ambiente escolar educacional positivo”. O (a) gestor (a) escolar tem de trabalhar de forma conjunta e estar aberto a mudanças, para promover uma educação cada vez melhor, tendo em vista que a educação é favorecida quando a gestão é presente e organizada, pois o desempenho escolar é otimizado. Nesse sentido,

[...] um diretor de escola é um gestor da dinâmica social, um mobilizador e orquestrador de atores, um articulador da diversidade para dar-lhe unidade e consistência, na construção do ambiente educacional e promoção segura da formação de seus alunos. Para tanto, em seu trabalho, presta atenção a cada evento, circunstância e ato, como parte de um conjunto de eventos, circunstâncias e atos, considerando-os globalmente, de modo interativo e dinâmico (LÜCK, 2000, p. 16).

Os estudos específicos a respeito da administração escolar dão ênfase à importância da organização e da gestão nas escolas. Ao fazê-lo, ocorre um uso racional dos recursos disponíveis e, conseqüentemente, uma melhoria no desempenho escolar, pois é notório que quando a administração é falha, o ensino não é apropriado. Partindo desse pressuposto, o modo como a escola é administrada é primordial para um ensino de qualidade relevante no âmbito social, possibilitando assim, adequação entre atividades-meio e atividades-fim. Abrangendo o contexto escolar, o papel do gestor escolar se restringe apenas a atividades-meio, o que torna o gestor o mediador escolar. De acordo com Paro (1998, p. 1):

o caráter mediador da administração manifesta-se de forma peculiar na Gestão Educacional, porque aí os fins a serem realizados relacionam-se à emancipação cultural de sujeitos históricos, para os quais a apreensão do saber se apresenta como elemento decisivo na construção de sua cidadania, por esse motivo, tanto o conceito de qualidade da educação quanto o de democratização de sua gestão ganham novas configurações.

Segundo Paro (2010) a gestão educacional é a racionalização de recursos para a realização de fins diversos, de fato, o caráter dessa gestão deve ser democrático para a formação

do ser humano histórico. A gestão democrática é de vital importância para uma educação cidadã e inclusiva, pois ela se constitui na participação da sociedade que vive no entorno da escola, seja familiar de alunos, vizinhos da escola, funcionários e outros.

Para que a gestão escolar tenha êxito, é indispensável um suporte da equipe técnica escolar, sejam eles pedagogos, psicólogos ou assistentes sociais, cada um com o foco em sua função para alcançar o sucesso no determinado fim que se almeja. Para isso, contudo, se faz necessário que a base gestora e administrativa compreenda a educação de maneira social e democrática.

Para Paro (2010) a função da escola pública brasileira, se tratando de gestão democrática, é desenvolver humanidade no aluno, para que assim, ele possa se apropriar do conhecimento e da cultura na qual se encontra. É necessário que a gestão escolar seja escolhida também, democraticamente, envolvendo todo o corpo pedagógico, a comunidade escolar, os professores, os alunos, os pais, pois gestão escolar pressupõe trabalho coletivo.

Veiga (2004) elucida que o ponto que nos interessa reforçar é que a escola não tem mais possibilidade de ser dirigida de cima para baixo e na ótica do poder centralizador que dita as normas e exerce o controle técnico-burocrático. A luta da escola é pela descentralização em busca de sua autonomia e qualidade. É importante ressaltar que

a escola que toma como objeto de preocupação levar o aluno a querer aprender, precisa ter presente a continuidade entre a educação familiar e a escolar, buscando formas de conseguir a adesão da família para sua tarefa de desenvolver nos educandos atitudes positivas e duradouras com relação ao aprender e ao estudar (PARO, 2001, p. 107).

Em relação à Educação Infantil é necessário que as instituições que assistem crianças de 0 a 5 anos se constituam de forma a compreender as diversas formas de comportamento e pensar delas. Nessa perspectiva, é necessário proporcionar diferentes formas de interação, conhecimento e aprendizagem, para que as crianças possam ser entendidas e cuidadas, para que a educação avance com base no desenvolvimento da criança. É essencial assumir as especificidades dessa etapa da educação básica. De acordo com os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil:

as definições de qualidade dependem de muitos fatores: os valores nos quais as pessoas acreditam; as tradições de uma determinada cultura; os conhecimentos científicos sobre como as crianças aprendem e se desenvolvem; o contexto histórico, social e econômico no qual a escola se insere. No caso específico da Educação Infantil, a forma como a sociedade

define os direitos da mulher e a responsabilidade coletiva pela educação das crianças pequenas também são fatores relevantes (BRASIL, 2009, p. 11).

Como dito anteriormente, o educar na Educação Infantil é indissociável do cuidar. O educar no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) significa

propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, Vol. 1, p. 23).

Ainda de acordo com o RCNEI, “para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado” (BRASIL, 1998, Vol. 1, p. 25).

Dessa forma, a Educação Infantil carece de uma gestão específica, focada nas necessidades de crianças pequenas e ao mesmo tempo deve assegurar relações democráticas no interior da escola. Sendo assim, todos os âmbitos da escola que possibilitam o bom funcionamento da atividade-fim precisam dedicar-se para exercer as funções de forma a auxiliar as crianças. Dito isso, para atender crianças nessa faixa etária é preciso proporcionar a elas um ambiente adequado as suas singularidades, favorecendo a ampliação de suas especificidades.

2.4 O ENFOQUE FENOMENOLÓGICO DA PESQUISA SOBRE A GESTÃO DOS CREIS DO BAIRRO VARJÃO/RANGEL

Para a elaboração do trabalho foi realizada uma pesquisa de tipo qualitativa, a qual “[...] preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (GONSALVES, 2011, p. 70). Nesse sentido, a pesquisa qualitativa

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 22).

Na fase exploratória da pesquisa realizamos uma análise documental dos Indicadores de Qualidade, que se caracterizam como um instrumento de autoavaliação da qualidade das instituições de Educação Infantil. Esse documento foi elaborado sob a coordenação conjunta do Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Básica, da Ação Educativa, da Fundação Orsa⁴, da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Ele traz sete dimensões que contemplam o ideal de uma instituição de educação infantil de qualidade. São elas: planejamento institucional, multiplicidade de experiências e linguagens; interações (espaço coletivo de convivência e respeito); promoção da saúde; espaços, materiais e mobiliários; formação e condições de trabalho das professoras e demais profissionais; cooperação e troca com as famílias; participação na rede de proteção social. Além dos PPPs dos CREIS.

Para a coleta de dados, utilizamos a observação participante⁵ no trabalho de campo, que significa “tentar colocar-se no lugar do outro, no seu ambiente social natural, buscando apreender a imponderabilidade da vida real” (MALINOWSKI, apud. MARQUES, 2016, p. 283). Para o autor, é necessário que se associe teoria e prática, a partir da realidade social que se deseja investigar.

As autoras Marconi e Lakatos (2010), evidenciam a “observação não-participante”, em que o pesquisador, mesmo estando em contato com a realidade a ser estudada, não interage, e também a “observação participante”, que consegue ser “natural” quando o pesquisador faz parte do grupo ou comunidade, ou “artificial” quando o observador se integra ao grupo para obter informações.

É válido ressaltar, que a observação participante, de acordo com Neto (1994, p. 59), “[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. A utilização da Observação Participante nessa pesquisa tem o intuito de compreender a lógica de funcionamento da gestão do ambiente no qual as crianças estão inseridas. Cabe ressaltar que no contexto de pandemia essas possibilidades ficaram limitadas às entrevistas com as gestoras e aos saberes prévios da própria pesquisadora que é residente do bairro.

⁴ A **Fundação Orsa** é atualmente chamada de **Fundação Jari**. Saiba mais em: <<http://www.fundacaojari.org.br/pt/historia.aspx>> Acesso em 31 de maio de 2020.

⁵ Devido ao contexto pandêmico causado pelo novo coronavírus SARS-CoV2, as escolas de todo o mundo foram fechadas, o que impossibilitou a realização da observação-participante nesta pesquisa. Para saber mais, acesse: < <https://pebmed.com.br/coronavirus-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-nova-pandemia/>>.

Desse modo, o trabalho também se caracteriza como pesquisa de campo. Segundo Piana (2009), esse é o

[...] tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. (GONSALVES, apud. PIANA, 2009).

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas junto às gestoras dos CREIs. Segundo Fraser e Gondim (2004), a entrevista semiestruturada é uma abordagem que visa compreender uma realidade particular e assume um compromisso com a transformação social, por meio da autorreflexão e da ação emancipatória que pretende desencadear nos participantes da pesquisa. De acordo com Minayo (2010), esse tipo de entrevista alterna entre perguntas abertas e fechadas, na qual o entrevistado tem liberdade para se posicionar favorável ou não sobre o tema, podendo se desprender das perguntas.

A análise dos dados ocorreu por meio da Análise de Conteúdo. Segundo Bardin (1977) é uma abordagem definida como um

conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

A Análise de Conteúdo contempla algumas especificidades. A primeira delas diz respeito à sua intenção: “[...] a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), que recorre a indicadores” (BARDIN, apud. ALCANTARA, 2017, p. 119). A Análise de Conteúdo organiza-se em três movimentos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (BARDIN, 1977).

Este estudo foi realizado nos Centros de Referência em Educação Infantil São Francisco e Rosa Andrade de Lima, situadas no bairro do Varjão/Rangel em João Pessoa. É um bairro localizado na Zona Oeste do município de João Pessoa e é considerado um bairro de alta periculosidade devido aos índices de ocorrência policial. Fica localizado na Zona Oeste do município de João Pessoa entre o Rio Jaguaribe e a reserva florestal Mata do Buraquinho. Apresenta como limites geográficos os bairros de Jaguaribe, Cruz das Armas e Cristo Redentor, é próximo ao Centro da cidade de João Pessoa. O bairro é composto por trinta e cinco vias, das quais três aparecem como avenidas (Av. Dois de Fevereiro, Av. José Soares, Av. Mourão

Rangel), uma delas se caracteriza como travessa (Travessa Vicente Costa Filho) e as demais se apresentam como ruas.

De acordo com os dados do IBGE (2010) o bairro Varjão/Rangel conta com 16.973 habitantes, dos quais cerca de 31,5% da população possuem faixa etária entre 0 e 14 anos; 61,1% possuem de 15 a 64 anos e 7,4% possuem mais de 65 anos de idade. Aproximadamente 12,64% da população que reside no bairro se encontra não alfabetizada, o que os leva, na maioria das vezes, a serem excluídos do mercado de trabalho. Sendo assim, na medida em que as práticas de sobrevivência se tornam insuficientes, muitas pessoas acabam por adotar práticas negativas, como, por exemplo, roubos, tráfico de drogas, entre outros, que por sua vez, trazem o clima de medo e perigo que o bairro é considerado. Embora a relação entre pobreza e violência ocorra, ela não é direta. Analisando algumas pesquisas sobre essa correlação, Schabbach (2014) afirma que

a incidência de violência representa um indicador de desigualdade altamente correlacionado com renda, nível de escolaridade, condição de moradia, provimento de serviços públicos nos microespaços urbanos, sobretudo dos metropolitanos. Além do mais, percebeu-se que a relação entre violência letal, juventude, pobreza, densidade domiciliar e menor provimento de serviços públicos manteve-se intacta ao longo do período 2000 a 2011. Também ficou evidenciado que os eventos letais se reproduzem nos mesmos bairros, onde as taxas subsequentes são influenciadas pelos antecedentes, em uma espécie de dependência de trajetória de sua letalidade.

Tratando-se de Educação, o bairro conta com cinco unidades escolares para atender a população, dentre elas, duas são CREIS (os quais realizamos esta pesquisa); e três escolas, direcionadas à Educação Básica e EJA.

Considerando os aspectos apresentados, no plano metodológico, nos referimos a um objeto de pesquisa fenomenológico, que pretende analisar indícios de como a gestão dos CREIs do bairro Varjão/Rangel implementou os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, para isso, foi realizada uma pesquisa de campo nos CREIs do bairro Varjão/Rangel, tendo como instrumento de coleta de dados as entrevistas semiestruturadas. Esta pesquisa visa contribuir para a ampliação das discussões sobre a situação das Instituições de Educação Infantil a partir dos Indicadores de Qualidade. O próximo capítulo trata da análise dos dados do resultado da pesquisa.

3 UMA ANÁLISE A LUZ DOS INDICADORES DE QUALIDADE: DIÁLOGOS COM AS GESTORAS DOS CREIS

Sendo este o último capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentamos as análises das entrevistas com as gestoras de dois Centros de Referência em Educação Infantil do bairro Varjão/Rangel e refletimos sobre a implementação dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil. A pesquisa foi de tipo qualitativa e a exposição dos dados está organizada em três blocos, com um total de 9 questões. O capítulo inicia com a discussão sobre a experiência de gerir Instituições de Educação Infantil no bairro Varjão/Rangel, sendo este um bairro em geral, de classe popular. Em seguida analisamos a gestão da rotina pedagógica dos CREIs e como as gestoras relatam o dia-a-dia nas Instituições do bairro: alimentação e atividades pedagógicas. Por fim, analisamos como o que gestão dos CREIS conhecem sobre os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, sua compreensão e as experiências específicas envolvendo os Indicadores.

3.1 GESTÃO, EDUCAÇÃO INFANTIL E O CONTEXTO LOCAL

O contexto local do bairro Varjão/Rangel foi o primeiro tópico a ser questionado e de que forma as gestoras pensavam a Educação Infantil nesse contexto. O bairro Varjão/Rangel, em torno de 50 anos atrás, costumava ser um bairro familiar, onde os pais passavam as tardes observando os filhos brincando na rua, conversando com os vizinhos e mantendo a pacificidade geral. As crianças se desenvolviam em torno de outras crianças, junto a brincadeiras de rua, como por exemplo, soltar pipa, jogar bolinha de gude, barra-bandeira, baleado, pique-esconde e outros. Era uma época de desenvolvimento cognitivo, lúdico, afetivo e físico. Hoje em dia, assim como na maioria dos bairros da capital, essa não é mais uma realidade devido aos altos índices de violência, as crianças são educadas no convívio casa-escola, não existindo mais esse contato com as outras crianças da mesma rua, pois em geral, os pais evitam que as crianças saiam, sobretudo, desacompanhadas. No Varjão/Rangel não há muitos locais de socialização além das escolas. Em 2009, foi construída a Praça da Amizade, que contém quadra poliesportiva, pista de *skate*, pista para caminhadas, área de ginástica etc. A praça se tornou o único local onde os pais podem levar as crianças para brincarem livremente.

A gestora 1 (G1) informa que os moradores do bairro, em geral, são pessoas de baixa renda, porém, com um potencial educacional grande. Os familiares têm a preocupação em encaminhar as crianças para o Centro de Referência, sendo primordial, pois o CREI está

localizado em uma área necessitada de educação. Já a Gestora 2 (G2) comenta sobre os desafios e a maior demanda nos últimos anos:

o desafio é grande, né? Porque a gente tem um público de classe baixa, né? E também, agora, de uns 3 anos pra cá ou mais, uns 5 anos pra cá, a gente também tá alcançando um público, que eu falo, dos pais responsáveis pelas crianças, é uma classe média, onde os pais trabalham e precisam deixar os filhos aqui (g2).

Esta fala da Gestora 2 retrata a condição atual da sociedade que sofreu transformações econômicas e sociais, resultando em limitações financeiras da classe média. De fato, houve o empobrecimento da classe média, pois, outrora, as famílias desta classe não necessitavam do apoio oferecido pelos CREIs, poderiam optar em não utilizar desse serviço, pois as mães poderiam decidir não trabalhar para cuidar dos filhos pequenos, ou por possuir condições financeiras de os matricular em instituições de educação particulares⁶.

As gestoras entrevistadas compreendem a Educação Infantil no contexto social do bairro, algo de tamanha importância, visto a necessidade das famílias em encontrarem nos CREIs, o apoio que necessitam para poderem trabalhar, sabendo que os filhos estarão seguros e bem cuidados. O que nos remete aos escritos de Finco, Gobbi e Faria (2015) em que foi através de manifestações feministas que as creches se tornaram um direito das crianças em acesso à educação e espaços de socialização.

Tratando-se da questão de escolarização na educação infantil, a G2 em determinado momento abordou que as professoras do bairro Varjão/Rangel, ao receberem os alunos que saem do CREI ao completarem 6 anos, elogiam muito o fato dos alunos já copiarem as letras do quadro, juntando as letras e em alguns casos, escrevendo o próprio nome.

Uma Instituição de Educação Infantil não é o local ideal para alfabetização de crianças, mas nesse sentido, é um local de introdução ao mundo letrado, aos sons e formatos das letras. Precisamos conceber o Centro de Referência em Educação Infantil como local onde as crianças irão se desenvolver, sociabilizar, construir identidade, onde suas necessidades específicas sejam consideradas. Conforme já foi apresentado nos capítulos anteriores, é papel do professor proporcionar momentos de socialização entre as crianças, valorizar a criança como cidadã e

⁶ O Brasil passa por crises econômicas desde 2014, aprofundadas com o golpe de 2016, com a elevação da taxa de desemprego, programas de austeridade como a PEC teto de gastos, reforma trabalhista e pandemia são fatores que explicam alguns desses aspectos. Tudo isso contribuiu para o empobrecimento da classe média. Saiba mais em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/17/classe-media-encolhe-na-pandemia-e-ja-tem-mesmo-tamanho-da-classe-baixa.ghtml>>.

incentivar a participação delas em momentos de atividades, mudando a ideia de criança incapaz para criança em desenvolvimento, de acordo com Mário Volpi (Coordenador do Programa de Cidadania dos Adolescentes do Unicef no Brasil).

3.2 A GESTÃO DA ROTINA PEDAGÓGICA DOS CREIs

Ao serem questionadas sobre o dia a dia nos CREIs, ambas gestoras enfatizaram as dinâmicas diárias e o quão os CREIs apresentam um ambiente preparado, acolhedor e propício para as crianças, de acordo com as mesmas. A G1 declarou:

[...] o chegar da criança no CREI, toda a parte de higienização, toda a parte de distanciamento, o CREI foi todo modificado com as rotinas da criança, onde a criança chega é higienizada, é dado a ela as boas vindas, com cânticos, com alegria, as professoras com as monitoras, são muito bem dinâmicas, de forma lúdica, logo após é oferecido o café da manhã.

De acordo com essa fala da Gestora 1, identificamos um ponto de convergência com Indicadores de Qualidade (Indicador 2.4): “Crianças expressando-se por meio de diferentes linguagens plásticas, simbólicas, musicais e corporais”; no subtópico 2.4.1: professoras propondo as crianças brincadeiras (com sons, melodias, objetos sonoros).

E continua:

em seguida, a criança é levada, estimulada a ir para uma área livre, para tomar banho de sol, volta, tem uma vivência, em termos de conhecimento, ela, a professora e outro, e o amiguinho, chega o horário do lanche, eles lavam as mãos, eles lancham, retornam para a salinha ou para a área livre, para ter as vivências, trabalhado sempre de forma lúdica (g1).

A Gestora 2 também explicou como funciona a rotina nas dependências do CREI, conforme o relato:

Na rotina, a gente recebe as crianças da manhã, as professoras recebem, juntamente com [sic] a monitora, tem uma auxiliar de sala, e aí começa toda a rotina. Troca de roupa, depois vão tomar o café da manhã, depois eles vão fazendo as atividades pedagógicas, as professoras passam. De 9 horas, tem o lanchinho, e aí depois eles vão correr. Como esse CREI é grande, ele tem uma área, então a gente divide para não aglomerar as crianças, tem todo cuidado, o CREI está todo sinalizado, e aí eles vão brincar na área externa que a gente tem aqui, que é um local muito bom, e eles brincam e depois temos a hora do banho e ainda tem a hora do almoço. Depois do almoço eles tem o descanso deles [...].

Neste ponto, considero a presença do Indicador 3.2: “Respeito ao ritmo das crianças”; subtópico 3.2.2: crianças fazendo necessidades no seu próprio compasso (beber água, dormir, ir ao banheiro). Entender as necessidades das crianças, sejam elas, hora do sono, vontade de se expressar, brincar, se alimentar, se hidratar, também faz parte do ritmo de aprendizagem das crianças, pois cada uma dessas especificidades interfere no aprendizado, seja ele cognitivo ou social.

A G2 prossegue sua fala:

[...] eles vão acordando, tem a escovação, eles escovam os dentes, e aí depois tem o outro lanchinho. Depois eles vão se arrumar né, para ir pra casa, eles tomam banhozinho, se arrumam, para depois jantar e aí esperar os pais ou responsável pegar eles pra irem para casa.

Conforme podemos verificar no Indicador 4.1: “Responsabilidade pela alimentação saudável das crianças”, frisado no item 4.1.1. (Cardápio nutricional, variado e rico atendendo as necessidades das crianças), trata-se da alimentação saudável oferecida as crianças. Possivelmente este seja o Indicador de maior importância, se assim pode-se falar, pois mesmo tratando-se de instituições de educação, a alimentação das crianças é primordial considerando-se o seu bem-estar. Esses Centros de Referência abrangem um público de baixa renda, onde podemos constatar ao longo das entrevistas, relatos das gestoras sobre crianças em situação de desnutrição e abaixo do peso, onde a atuação do CREI foi de máxima importância para reverter esses casos. Vemos, a seguir, as respostas da G1 e G2 sobre o cardápio nutricional ofertado nos CREIs pesquisados:

[...] A criança almoça. A preocupação das nutricionistas, a alimentação é riquíssima, a criança aqui tem 5 refeições e só com comida saudável, desde a proteína de soja, ao frango, a proteína de carne bovina, bastante fruta, legumes, eles têm um cuidado especial com as refeições das nossas crianças. (G1)

O CREI ele dá 5 refeições diárias as crianças. De 9 horas, tem o lanchinho que é sempre frutas, também acompanhado pela educação de alimentação, tem uma nutricionista, né, que manda o cardápio toda semana, que é para as cozinheiras seguirem. Eles almoçam, um almoço também, como eu falei, de qualidade, feijão, arroz, verduras, né? Tem uns que não gostam, mas a gente sempre incentiva, né, que é bom para a saúde. [...] depois tem o outro lanchinho, que é uma frutinha, geralmente salada de frutas, geralmente é um suco. (G2)

Sabe-se que alimentação saudável é aquela rica em nutrientes, proteínas e fibras. Fica evidente que as duas gestoras entrevistadas afirmam que os CREIs oferecem 5 (cinco) refeições

diárias para as crianças, com um cardápio saudável e acompanhado por nutricionistas, variando entre frutas, verduras, grãos e sucos naturais.

A atividade na Educação Infantil ocorre de forma primordialmente lúdica, sendo utilizados brinquedos, jogos, brincadeiras, de forma a ser trabalhado pedagogicamente, possibilitando o conhecimento através da ludicidade. É papel do professor incentivar atividades lúdicas para as crianças de maneira pedagógica, atingindo dessa forma a finalidade desejada, seja ela o desenvolvimento da criança, estímulo em descobrir novas ideias, assimilar um novo conteúdo de forma mais fácil, socialização entre as crianças, entre muitos outros objetivos que podem ser alcançados. Conforme os escritos de Kishimoto (1994, p.19):

A criança brinca para conhecer a si própria e aos outros em suas relações recíprocas, para aprender as normas sociais de comportamento, os hábitos determinados pela cultura, para conhecer os objetivos em seu contexto, ou seja, o uso cultural dos objetos, para desenvolver a linguagem e a narrativa, para trabalhar com o imaginário, para conhecer os eventos e fenômenos que ocorrem a sua volta.

Compreendendo o papel da atividade na Educação Infantil, as gestoras foram questionadas a esse respeito, como ocorrem as atividades nos CREIs:

[...] trabalhar ludicamente, com músicas, com folhas impressas, trabalhando com massa de modelar, trabalhando com brinquedos, e com a criança reinventando, trabalhando com tintas, se vai trabalhar as cores, trabalha com a cor que eles se identifiquem, se vão trabalhar com numeral, se vão trabalhar a parte do psicomotor da criança, é trabalhado livremente eles, no cantinho deles. (G1).

Nessa fala da G1, fica constatada a presença do Indicador 2.1: “Crianças construindo sua autonomia”; Subitem 2.1.3: organização das atividades (atividades diferentes e escolhidas pelas crianças). De acordo com o RCNEI educar significa “propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis [...]”. Considerando essa afirmação, é indispensável que o professor proporcione momentos de socialização entre as crianças, sendo estes momentos de brincadeiras, jogos, música, atividades lúdicas, e que estas atividades possam regularmente serem escolhidas pelas crianças, desenvolvendo assim independência, liberdade, construindo capacidade de escolhas e identidade.

Igualmente, a G2 demonstra que no CREI existe o cuidado e atenção em relação as atividades desenvolvidas, conforme relato:

A Prefeitura manda brinquedos pedagógicos, livros didáticos, eles têm brinquedos na área externa, eles têm acesso a material didático, eles têm

acesso de fazer a sua própria tarefa, eles têm acesso, eles têm fardamento, tem bolsa. [...] Os alunos têm acesso sim a vida escolar, as datas comemorativas, eles confeccionam suas próprias tarefas, às vezes a gente tem que fazer as lembrancinhas, eles têm acesso, hoje as crianças têm um acesso, um olhar, um cuidar, um educar, eles fazem as tarefinhas, a gente deixa um tempo a mostra para eles verem aquilo que eles fizeram. Eles confeccionam os brinquedinhos deles, através de material didático que a gente tem disponível aqui no CREI. E aí se elas forem trabalhar letrinha, elas colocam cores primárias, às vezes atividades xerocadas, mas a gente não usa tanto, a gente gosta de trabalhar mais com atividades confeccionadas por eles mesmos, atividades que elas (professoras) planejam. (G2).

Em outro momento da entrevista, a G2 fala que atualmente a tecnologia “tomou conta” das crianças, que passam muito tempo com o celular em casa, mas que no CREI eles priorizam as atividades livres, hora do conto, brinquedos e que fazem de tudo na Instituição para incentivar os alunos a brincarem de forma pedagógica.

Essa valorização para/com a criança está frisada no Indicador 3.4: respeito às ideias, conquistas e produções das crianças; no subtópico 3.4.3: atividades produzidas pelas crianças expostas nas salas e ambientes da instituição. Destaca-se também, a presença do Indicador 2.1: “Crianças construindo sua autonomia”; subitem 2.1.2. professoras incentivando crianças a escolherem brinquedos e materiais.

3.3 A GESTÃO DOS CREIS E OS CONHECIMENTOS SOBRE OS INDICADORES DE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Conforme já vimos, os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil são uma metodologia de autoavaliação escolar, disponível e de fácil acesso. É indispensável que os profissionais da educação, sobretudo os da Educação Infantil, tenham conhecimento desta metodologia e de seu valor, especialmente para o bem-estar das crianças que fazem parte do ambiente educacional, e que estes estejam preparados para pôr em prática nas Instituições de Educação Infantil, através de uma gestão democrática, para que toda a comunidade possa avaliar os resultados. Trazendo os escritos de Lück (2000), a gestão escolar é eficaz quando quem a lidera incentiva toda a comunidade escolar e de seu entorno a promoverem um ambiente educacional positivo.

O questionamento a respeito dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, foi respondido por ambas gestoras com desconhecimento sobre o documento. Também demonstraram certo incômodo ao parecer encobrir a falta de informações sobre o assunto, buscando incluir elementos outros durante o questionamento:

Não, Indicadores... Não. A gente trabalha com tanta coisa, criatura, agora de imediato não posso dizer que sim, que eu não trabalhei nem elas nos apresentaram, entendeu? (G1)

Esses Indicadores de Qualidade são referentes a que? Não sei. É o Regimento Interno? PPP? Não é as Leis de Diretrizes não, né? Que você tá me perguntando? (G2)

Através das respostas da G1 e G2 sobre os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, ficou perceptível que as mesmas não tinham conhecimento acerca do documento. Ficou evidente que a gestão de Centros de Referências em Educação Infantil não tem informações sobre a existência de um documento de tamanha importância. Isto demonstra, de certa forma, que os CREIs não foram, nem são geridos com base no instrumento de autoavaliação Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, nem ao menos avaliados através dele periodicamente, visto que desconheciam até então a sua existência. Em todo caso, durante as entrevistas, elas foram apresentadas ao documento e puderam assim, responder as outras questões referentes a ele.

Apesar da surpresa em descobrir que as gestoras não conheciam os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, foram questionadas sobre o processo de implementação deste, ou neste caso, de que forma elas conduzem o CREI de acordo com seus cargos de Gestoras de uma Instituição de Educação Infantil: “A gente trabalha todo voltado para as diretrizes, certo? O departamento, ela tem formação continuada para professora, continuada para gestor, continuada para auxiliar de serviços” (G1).

Neste momento, a G1 descreve a formação continuada para a equipe escolar, que está inserida no Indicador 6.2: “Formação continuada”; subitem 6.2.1: programa de formação continuada para professores (planejar, avaliar, aprimora e reorientar suas práticas). Ela continua seu relato:

[...] tudo que a gente faz é movido pela BNCC, certo? Desde 2019 a Prefeitura está ligada a todas as normas da BNCC. Material Didático para professor e aluno, tem sim, distribuímos bolsas, nós temos esperando fardamento, já temos as sandálias, material didático, pedagógico para as professoras tem bastante, o que você imaginar tem aqui no CREI. Então, em termos de material, o CREI está abastecido, em termos de espaço, nosso CREI aqui, eu digo que ele é o menor CREI do Rangel, que nós só temos capacidade para 60 crianças. São 4 salas de aula. (G1).

A G2 comenta sobre a assistência médica que o CREI possui, em parceria com o Programa Saúde da Família (PSF), o que está inserido nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, no (Indicador 1.3): “Registro da prática educativa”; subitem 1.3.2: Organização da documentação sobre as crianças (fichas de matrícula, cartão de vacinação,

certidão de nascimento, etc): *“A gente faz, como eu falei, essas propostas pedagógicas, a gente tem o PSF aqui do bairro que dá muita assistência a gente, tem campanha de vacinação, no ato da matrícula a gente pede o cartão de vacina das crianças”* (G1).

Neste ponto da entrevista, a G1 expressou-se sobre a parceria do CREI com os pais na vida escolar dos filhos, constatando a presença do Indicador 7.1: “Respeito e acolhimento”; subitem 7.1.1: familiares sendo bem recebidos e tratados com respeito.

Em um momento anterior à entrevista, a G1 já havia comentando sobre a relação do CREI com os familiares das crianças: *“com todo esse carinho e essa preocupação que os familiares tem em manter, eles realmente têm uma confiança nos CREIs, que eles querem manter as crianças aqui nos CREIS”*. A G2 também comentou sobre a relação escola-família existente no CREI:

[...] as vezes elas (professoras) podem detectar coisas que os pais não veem, tipo um autismo, tinha uma criança aqui que desde o berçário [...] ela olhava as tarefinhas, ela olhava os brinquedos muito de perto, e hoje ela tá com os 4 anos, por conta da creche, a mãe detectou que a criança tinha probleminha nos olhos, hoje a criança usa óculos. E assim, graças a vida escolar que as professoras, a auxiliar de sala, perceberem, junto com a família, a gente fez toda essa construção para que a criança não se prejudicar (G2).

A G2 relatou um pouco de sua experiência como gestora do CREI por 06 (seis) anos. Contou que a gestão dela é de sempre *“tomar a frente”*, ter um olhar diferente para as crianças de 0 a 3 anos, pois se importa muito com cada etapa de suas vidas. Na turma de 4 a 5 anos, gosta muito de ver o desenvolvimento e esforço de cada um, visto que a realidade de cada criança é diferente. Relatou também, que costuma ligar para os pais caso note que a criança está faltando:

A gente acaba se envolvendo, né? Eu faço de tudo pelas crianças porque eu acho que vale a pena, eu ser gestora por elas, eu gosto muito, elas me emocionam demais. A busca ativa... por que não tá vindo? O que está acontecendo? Essa parceria com os pais, com os responsáveis, quando a criança passa mais de uma semana sem vir eu me preocupo, eu vou atrás sim, começo a ligar (G2).

Considerando neste ponto, a presença do Indicador 7.3: “Participação da instituição na rede de proteção dos direitos das crianças”; no subitem 7.3.1: Acompanhamento da instituição a respeito de faltas. Ela continua contando sobre suas preocupações em relação ao bem-estar das crianças no ambiente educativo:

me preocupo com a saúde, também, da criança, quando eles estão dodóis, os pais chegam, podem vir, a gente tem essa preocupação de atualização dos

telefones, a questão da rotina deles me preocupa bastante, hora de chegar, hora da saída, hora da alimentação, a creche tem que estar limpa, principalmente nesse momento de pandemia, está a creche sempre limpa (G2).

É evidente a presença do Indicador 4.2: “Limpeza, salubridade e conforto”; subitem 4.2.1. Ambientes limpos e agradáveis.

A Gestora 2 continua sua fala, dessa vez, enfatizando a presença do Conselho Tutelar no CREI, devido aos problemas sociais frequentes do bairro:

O conselho tutelar, que é bem presente, né? Devido o Rangel ter a Rua da Mata, São Geraldo, ter problemas sociais, que a gente sabe que tem, você mora aqui, você sabe, então o Conselho Tutelar ele é bem presente também no CREI São Francisco. (G2).

Esta interação com o Conselho Tutelar está frisada no Indicador 7.3: “Participação da instituição na rede de proteção dos direitos das crianças”; subitem 7.3.2: Encaminhamento ao Conselho Tutelar os casos de crianças com sinais de maus-tratos (negligência, violência doméstica, exploração sexual e trabalho infantil).

Neste ponto da entrevista, ao serem perguntadas a respeito do Projeto Político-Pedagógico (PPP), é possível perceber uma discrepância nos relatos. A G1 contou que assumiu a Gestão do CREI em 06 de abril de 2021, tendo uma breve e atual experiência no CREI, sendo essa a sua primeira vivência na direção de uma Instituição de Educação Infantil.

O PPP que tem aqui é o de 2011, certo? Então, as outras Gestões não providenciaram um novo PPP, uma nova reformulação e eu no momento não poderia lhe dizer, porque por incrível que pareça nós encontramos esse PPP a semana passada (G1).

A G2, por sua vez, que assume a Gestão do CREI há pelo menos 06 anos, demonstrou um grande conhecimento sobre o documento, relando que o mesmo foi construído democraticamente, inclusive o tinha em mãos no momento da entrevista. Narrou todo o conteúdo presente no documento. Contendo nele saudações ao prefeito e a Secretaria de Educação, agradecimentos a equipe escolar, frases pedagógicas, a história do CREI e a comunidade escolar. Comenta sobre as dependências do CREI, quadro de funcionários, Constituição Federal, leis, resoluções e as propostas curriculares e também a respeito da educação especial. A gestora comenta que atualmente existem matriculadas na escola de duas meninas gêmeas que são autistas, acompanhadas pela Secretaria da Educação Especial.

Constatando nesse momento a presença do Indicador 3.3: “Respeito à identidade, desejos e interesses das crianças”; subitem 3.3.4: Atendimento educacional especializado – AEE para crianças com deficiência.

Há um projeto de inclusão no CREI, e a G2 opina que os projetos de inclusão não podem faltar, pois as crianças têm que estar incluídas. Ela continua relatando os itens descritos no PPP, e cita os objetivos que são: o envolvimento da comunidade, garantir a participação dos educadores, realizações de reuniões, envolver o corpo docente, ter os planejamentos das atividades, a metodologia, as realizações, entre outros. Fala sobre a parte administrativa, que é a própria que coordena, conta do seu comprometimento enquanto gestora e que o seu cuidado é com as crianças. Ela cita que costuma dizer aos pais dos alunos *“nós dois somos adultos, o que me preocupa são elas (as crianças)”*. Cita que sempre presta atenção em relação aos conteúdos que as professoras aplicam. Onde existem projetos bimestrais no CREI. Finaliza dizendo *“como a gente construiu todo esse PPP”*, demonstrando dessa forma que fora construído em conjunto, tendo este, 39 páginas.

Para finalizar as entrevistas, foi solicitado que as gestoras relatassem alguma experiência específica no CREI onde os Indicadores de Qualidade poderiam ter sido contemplados, visto que apresentamos para elas os Indicadores. A G1 por sua vez, tendo assumido a Gestão do CREI a pouco tempo, em um período pandêmico, tendo as aulas presenciais retornadas apenas há 42 dias (na data da entrevista), não possuía nenhuma vivência a qual estivesse presente, mas relata que as antecessoras dela tiveram trabalhos brilhantes no CREI, e o que mais admira no CREI, é o cuidado que toda a equipe escolar tem em relação às crianças. Ela comenta:

Eles têm um olhar, um olhar assim, CREI-família-criança, sabe? Eles têm esse laço afetivo e é um CREI que, praticamente, todo mundo do bairro, você chegar e perguntar: “Qual é a Creche que você quer colocar seus filhos?” Vão dizer: Rosa Andrade de Lima. Pelo cuidado da professora, pelo carinho humano que o gestor, o professor, tem com cada criança. A criança aqui, ela tem uma autoestima muito grande que é proporcionada pelo professor, o professor ajuda, o professor acolhe e eu sempre digo assim: que a gente esqueça tudo da gente, mas que a gente invista nas nossas crianças, nas nossas famílias, é nelas que a gente tem que pensar, meu pensamento com elas é assim. Então, é uma forma assim, de eu dizer para você que o carisma, o cuidar, o olhar, o escutar, que cada vizinha diz pra gente com carinho e a gente representar com amor, eu acredito que é um dos indicadores onde o CREI cresce através do cuidar da criança, do zelar pela criança (G1).

A G2 relata o caso de uma criança em que a mãe era usuária de drogas ilícitas e a criança passava as noites com elas e inclusive a mãe ainda a amamentava, e que mesmo a criança tendo por volta dos 4 anos, aparentava ser uma criança de berçário, não crescia nem se desenvolvia,

era muito magra, então o CREI em colaboração com o Conselho Tutelar e as diretoras das escolas onde os outros irmãos da criança estudavam, conseguiram integrar as crianças e a mãe em um convívio social. Hoje, diz que existe ali uma família, unida, com as crianças bem. Finaliza com a frase: *“Acolher é a palavra certa”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizando todo o material exposto durante todo este trabalho de pesquisa, refletimos que mesmo com o desconhecimento das gestoras entrevistadas, há muitos elementos dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil que foram contemplados. Em todo caso, há alguns fundamentos que não foram citados durante as entrevistas, e a ausência destes foi notada, como por exemplo, o (Indicador 4.3) “Segurança” e os seus subtópicos que apresentam questões como proteção para as tomadas elétricas, manter fora do alcance das crianças produtos prejudiciais a saúde, como produtos de limpeza, existência de procedimentos a serem tomados em casos de acidentes etc.

Os CREIs pesquisados estão fundamentados sob um padrão de funcionamento que está bem estruturado, porém é necessário a prática da autoavaliação frequente, pelas gestoras, equipe escolar, famílias, comunidade do entorno etc. Essa percepção acerca da necessidade de suprir complicações no ambiente educacional é feita através de uma gestão democrática, onde o gestor incentiva a equipe a participar e buscar melhorias. Através dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, pode-se notar falhas e pontos a serem aprimorados, facilitando o processo de desenvolvimento da instituição.

Ao longo do que foi apresentado neste trabalho sobre a infância e a educação infantil, sob a perspectiva da gestão escolar democrática, refletido à luz dos elementos dos Indicadores de Qualidade, o resultado desta pesquisa pode alertar outras instituições de educação infantil sobre o uso do documento para realizarem periodicamente uma autoavaliação com propriedade, analisando a qualidade da educação infantil e do trabalho realizado nesses espaços escolares.

Os objetivos deste trabalho de pesquisa foram atingidos conforme a análise da implementação dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil nos CREIs do bairro Varjão/Rangel. Refletimos à luz do princípio da gestão democrática sobre os Indicadores de Qualidade e ao concluir o trabalho, constato a importância dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, sendo este um documento completo de autoavaliação institucional.

Este trabalho de conclusão de curso e todo o seu processo de construção, foram essenciais para a minha formação e para minhas atuações futuras na área da educação. Busco através deste o reconhecimento de que a educação infantil seja ofertada com qualidade, contribuindo para o desenvolvimento pleno das crianças, no contexto da educação pública e da gestão democrática.

REFERÊNCIAS

- ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. **Panorama das políticas de educação infantil no Brasil.**/ Beatriz de Oliveira Abuchaim. – Brasília: UNESCO, 2018
- ALCANTARA, Marcos Angelus Miranda de. **Elementos para uma Teoria Enunciativa da Educação Popular.** 2017. 270 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família.** Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BARBOSA, Raoni Borges. **Memórias e projetos em um lugar de estigmas e ressentimentos: uma reflexão etnográfica do lugar Varjão/Rangel no urbano contemporâneo da cidade de João Pessoa – Paraíba.** Revista Ciências da Sociedade (RCS), Vol. 2, n. 3, p.169-200, Jan/Jun 2018
- BARDIN, L. Tradução de Luis Antero Neto e Augusto Pinheiro. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edição 70, 1977.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Diário Oficial da União. Brasília, 14 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 20/03/2020.
- _____. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil.** Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC/SEF, Volume 1, 1998.
- _____. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 8.069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 20 de março de 2020.
- _____. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial da União. Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 16 de dezembro 2019.

DANTAS, E. L. C. **A indissociabilidade entre cuidar e educar nos espaços do berçário.** João Pessoa: UFPB/2018.

FÉLIX, J. S. O. **A participação da família na vida escolar das crianças.** João Pessoa: UFPB, 2017.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas e GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** Paidéia, 2004, 14 (28), 139 -152 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf/>> Acesso em 23 de maio de 2020.

GOMES, I. S. **Rotina e Organização do tempo e Espaço na Educação Infantil: possibilidades pedagógicas na pré-escola.** João Pessoa: UFPB/2018.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica/** Elisa Pereira Gonsalves. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011. 5ª edição.
Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica.

HOLANDA, A. A. D. **Influência da formação do Curso de Pedagogia do PRONERA da UFPB na gestão de uma escola do campo.** João Pessoa: UFPB/2017.

HONORATO, Hercules Guimarães. **O gestor escolar e suas competências: a liderança em discussão.** Disponível em: <
https://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/HerculesGuimaraesHonorato_res_int_GT8.pdf>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Banco de Dados.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 23 de maio de 2020.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O Jogo e a Educação Infantil.** São Paulo: Pioneira, 1998.

LÜCK. Heloísa. **Gestão escolar e formação de gestores.** Em Aberto, v. 17, n.72, fev./jun. 2000.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, H. D. M. **Gestão escolar democrática: a gestão participativa e a autonomia da escola pública.** João Pessoa: UFPB/2017.

MARQUES, J. P. **A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação.** Educação em Foco 2016; 19(28):263-284.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

_____. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, G. A. **O Papel do Gestor Escolar**. In: PORTAL EDUCAÇÃO - Cursos Online. Campo Grande, MS. 2013.

PADILHA, A. P. N. **Jogos e noções matemáticas na educação infantil no pré I: um estudo de caso numa escola pública de Pitimbu**. João Pessoa: UFPB, 2017.

PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. 15. ed. São Paulo, SP: Ed. Cortez, 2008.

_____. **A Gestão da Educação ante as Exigências de Qualidade e Produtividade da Escola Pública**. V Seminário Internacional Sobre Reestruturação Curricular. Porto Alegre, RS. 1998. 07 p. In: SILVA, L. H; (Org.) *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 36, n.3, p. 763-778, set./dez. 2010

_____. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância** / Neil Postman; tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Cap. 4, P. 66 a 78 – Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-06.pdf>> Acesso em 23 de maio de 2020.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2003.

SILVA, V. P. D. A organização do espaço na Educação Infantil: um olhar sobre duas escolas do Município de Cuité de Mamanguape – PB. João Pessoa: UFPB/2018.

VEIGA, Ilma P.A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas, SP: Papirus, 2004

APÊNDICE

APÊNDICE I: ENTREVISTA TRANSCRITA NA ÍNTEGRA (CREI ROSA ANDRADE DE LIMA)

BLOCO I – GESTÃO, EDUCAÇÃO INFANTIL E O CONTEXTO LOCAL

- **Gostaria que você dissesse, a partir da sua experiência, como é gerir um CREI aqui no Bairro.**

R: Bom, como eu estou lá somente, praticamente, 6 meses na Gestão do CREI aqui no Rangel, posso dizer a você que é uma riqueza, né, a gente poder conviver com as crianças e as famílias do bairro do Rangel. São pessoas de baixa renda, mas com um potencial, né, em que a educação muito grande, porque eles têm preocupação em mandar, né, as crianças para o CREI, que nós somos um Centro de Referência, certo? Então a gente fica assim, né, a nossa gestão, atualmente, nesse período pandêmico, que nós estamos passando, certo? Veio nos ensinar e nos desafiar, né, por tudo que a gente tem feito pelas nossas crianças e as nossas famílias dos CREIS, certo? Eu cresci muito nessa nossa gestão aqui no CREI, certo? Com todo esse carinho e essa preocupação que os familiares tem em manter, eles realmente têm uma confiança nos CREIS, que eles querem manter as crianças aqui nos CREIS, certo? São todos os dias aquela enxurrada de pessoas nos cobrando quando é que vai começar dentro da linha pedagógica da prefeitura, nós só estamos trabalhando com crianças do Maternal II, que são crianças que fizeram 3 anos até o dia 31 de Março e com crianças que fizeram 4 anos até o dia 31 de Março, que são crianças do Maternal II e do Pré-I. Mas estamos trabalhando com um novo olhar, com um novo fortalecer da criança, um novo acolher, porque as crianças estavam necessitando a esse retorno gradual, que estamos agora proporcionando a eles, nesses 42 dias que nós estamos com eles, trabalhando diariamente.

- **Queria também lhe ouvir um pouco sobre o que você pensa da Educação Infantil no contexto daqui do bairro e da escola pública.**

R: Que meu pensamento é, posso lhe dizer numa simples palavra, que a gente tem que cuidar. Cuidar das nossas crianças, certo? No contexto do bairro, é primordial, né, essa nossa localização que o CREI tem aqui, nessa área mais, vamos dizer, necessitada, da educação, certo? A gente precisa, como CREI, né, ser mais acessível a família dando oportunidade as nossas crianças, de crescerem no seu psicológico, no seu psicomotor, na sua totalidade, em que a gente possa contribuir para ajudar no crescimento do ensino-aprendizagem de cada criança.

A prefeitura tem um trabalho brilhante, eu posso dizer a você que eu fui 32 anos da Rede Particular e fiquei encantada com a Rede Pública, especificamente nos CREIS, com toda a rotina de atividades, com toda a vivência que eles preparam para os CREIS. Eu fiquei encantada com o cuidar que os gestores da Secretaria de Educação estão tendo com os CREIS, nos bairros, nos pólos, que são divididos por pólos, estão gerindo de uma forma unificada, claro com experiência, vivências e devolutivas diferenciadas, mas que muito rico no seu potencial, em termos de educar a criança para a vida e o futuro.

BLOCO II – A ROTINA DO CREI

- **Como é a rotina no CREI? Como são os espaços em que as crianças estão inseridas? Quais os materiais que elas têm acesso?**

R: Olhe, a nossa rotina ela tem uma, posso dizer, ele deu o primeiro pontapé inicial, o que é uma rotina? É o chegar da criança no CREI, toda a parte de higienização, toda a parte de distanciamento, o CREI foi todo modificado com as rotinas da criança, onde a criança chega, é higienizada, é dado a ela as boas vindas, com cânticos, com alegria, as professoras com as monitoras, são muito bem dinâmicas, de forma lúdica, logo após é oferecido o café da manhã, certo? Em seguida, a criança é levada, estimulada a ir para uma área livre, para tomar banho de sol, volta, tem uma vivência, em termos de conhecimento, ela, a professora e outro, e o amiguinho, chega o horário do lanche, eles lavam as mãos, eles lancham, retornam para a salinha ou para a área livre, para ter as vivências, trabalhado sempre de forma lúdica. A prefeitura fez um projeto onde a gente trabalhou 4 eixos, 4 temas: Cuidando de João Pessoa, Cuidando de ser criança, que é último tema que a gente está fazendo, Cuidando da minha história e Cuidando do planeta, certo? Aí, nesse patamar da vivência, as professoras trabalham as datas comemorativas, trabalham com apresentação lúdica em todo o processo de ensino-aprendizagem da criança. Chega a hora do banho, a criança toma um banho, a criança almoça. A preocupação das nutricionistas, a alimentação é riquíssima, a criança aqui tem 5 refeições e só com comida saudável, desde a proteína de soja, ao frango, a proteína de carne bovina, bastante fruta, legumes, eles tem um cuidado especial com as refeições das nossas crianças, aí tem o descanso das nossas crianças, temos lençóis que são lavados, forrados de 11 horas, a criança almoça, vai para o descanso, o soninho deles, onde já está todo higienizado, com lençóizinhos limpos, coloca a criança, quem consegue dormir, dorme, quem não consegue fica deitadinho do lado da monitora e da professora, com ela contando historinha, balançando e afagando eles, como se fossem verdadeiras mães. Acordam eles, 1 hora depois, dão o lanche, depois desse lanche, é claro que eu esqueci de citar, mas após o almoço eles tem a escovação

de dentes, a cada lanche eles tem a escovação de dentes, eu esqueci de citar. Mas é assim todo o processo, quando chega depois do lanche, do turno vespertino, eles vão para a sala de aula, lá elas fazem as complementações de tarefas, contações de história, com eles desenvolvendo, fazendo as atividades presenciais, trabalhando com eles, vão para o pátio, lá eles brincam livremente no parque, claro que é reduzido a turma, com 50%, a turma que era de 20, está vindo 10, quem era de 30 está vindo 15, semana sim, semana não, que nós definimos a cor amarela e a cor vermelha, “nós” que eu falo, é todo o departamento da prefeitura. Aí depois eles são levados a tomar banho, trocarem a roupa e jantarem e esperar com alegria, com cântico, com música, a família vir buscar. Essa é a rotina do dia-a-dia dos nossos CREIS.

- **Como as atividades são feitas? Como são os momentos de socialização?**

R: Sempre elas pediram, a equipe de departamento, o DEI, que é Departamento de Educação Infantil da prefeitura, através da professora Sonali, elas sempre nos orientam a gente trabalhar ludicamente, com músicas, com folhas impressas, trabalhando com massa de modelar, trabalhando com brinquedos, e com a criança reinventando, trabalhando com tintas, se vai trabalhar as cores, trabalha com a cor que eles se identifiquem, se vão trabalhar com numeral, se vão trabalhar a parte do psicomotor da criança, é trabalhado livremente eles, no cantinho deles, no espaço, distanciamento deles, todo o processo educacional, sendo que de forma mais lúdicas, porque a criança passou 1 ano e 3 meses fora da sala de aula, então ela pediu que esse retorno agora, de 42 dias fosse de forma lúdica. Pensasse mais em olhar, acolher e fortalecer o vínculo da criança com o CREI.

BLOCO III – OS INDICADORES DE QUALIDADE DA EI

- **Você conhece os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil?**

R: Não, Indicadores... Não. A gente trabalha com tanta coisa, criatura, agora de imediato não posso dizer que sim, que eu não trabalhei nem elas nos apresentaram, entendeu?

- **De qual maneira você como Gestor Escolar esse CREI exerce as dimensões apresentadas nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil?**

R: -

- **Como foi/é o processo de implementação dos Indicadores de Qualidade neste CREI?**

R: Olha, dentro dos parâmetros que eu não citei, ou você depois da minha fala, você tira a sua conclusão para o seu TCC, a gente trabalha todo voltado para as diretrizes, certo? O departamento, ela tem formação continuada para professora, continuada para gestor, continuada para auxiliar de serviços, nesse momento específico que era mostrar, indicar, aos servidores de limpeza, dos serviços gerais, o compromisso e a responsabilidade deles nesse momento pandêmico, que dependia muito deles também, que era a higienização, a sanitização do CREI, tudo que a gente faz é movido pela BNCC, certo? Desde 2019 a Prefeitura está ligada a todas as normas da BNCC. Material Didático para professor e aluno, tem sim, distribuimos bolsas, nós temos esperando fardamento, já temos as sandálias, material didático, pedagógico para as professoras tem bastante, o que você imaginar tem aqui no CREI, está muito abastecido por duas razões: Primeiro, que 2020 não funcionou, então os CREIS estão superlotados de materiais que a gente possa trabalhar com as crianças e segundo porque a gente começou a 40 dias então a gente não teve aquele gasto excessivo de material. Então, em termos de material, o CREI está abastecido, em termos de espaço, nosso CREI aqui, eu digo que ele é o menor CREI do Rangel, que nós só temos capacidade para 60 crianças. São 4 salas de aula. Dentro desse processo, estamos atendendo sem tumulto, sem um amontoado em cima do outro por causa da liberação de 50%. Então a turminha vem 50% em uma semana e 50% na outra semana. Tem também aqueles pais que não liberaram vir presencialmente, tem as criancinhas que ficam doente. Então, nesse momento o CREI é satisfatório em termos de tamanho, de lazer para as crianças sem problema nenhum, isso aí eu posso lhe garantir. Nós temos 1 sala de secretária; nós temos 4 salas; nós temos 1 refeitório, abastecido com purificador de água e central de água, com pias no local, com distanciamento, com aquelas paredes acrílicas distanciando, toda sinalizada, bem bonitinha, nos tamanhinhos deles, que a gente só trabalha com crianças de até 4 anos. Os banheiros são sinalizados, com distanciamento, com duchas, tem banheiros para funcionários, tem banheiros na parte onde é dos bebezinhos, são 2 cozinhas, uma para os bebezinhos, que a gente chama berçário e uma turma maior, né que as crianças maiores até 4 anos. Nós temos uma área na frente que deve ter 10 metros de largura, a área que as crianças brincam, com 2 metros de comprimento, tem parquinho, tem trezinho, tem um brinquedo na areia, tem areia, certo, para o ar livre, onde eles tomam banho de sol, tem balanço, tem a guarita do vigilante, é esse o nosso CREI.

- **Como os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil aparecem no Projeto Político Pedagógico deste CREI?**

R: O Projeto Político Pedagógico do CREI, eu vou ser muito sincera a você, como eu assumi o CREI no dia 06 de Abril e nessa parte de Creche eu nunca tinha trabalhado, o PPP que tem aqui é o de 2011, certo? Então, as outras Gestões não providenciaram um novo PPP, uma nova reformulação e eu no momento não poderia lhe dizer, porque por incrível que pareça nós encontramos esse PPP a semana passada. Porque estão nos cobrando o PPP e eu vou mostrar o PPP de 2011, certo? Como não é a minha gestão e nem era a gestão da secretaria de educação, aí eles vão ver com vão fazer o PPP do CREI, certo? Quanto a isso eu não posso lhe ajudar não.

- **Você gostaria de falar sobre alguma experiência específica onde os Indicadores de Qualidade tenham sido contemplados?**

R: Elas tiveram aqui trabalhos brilhantes, mas como eu não estava presente, o que eu admiro aqui no CREI é o cuidado que tanto professora, monitora, auxiliar de serviço, cozinheira, lactarista, berçarista tem com cada aluno. Eles têm um olhar, um olhar assim, CREI-família-criança, sabe? Eles têm esse laço afetivo e é um CREI que, praticamente, todo mundo do bairro, você chegar e perguntar: “Qual é a Creche que você quer colocar seus filhos?” Vão dizer: Rosa Andrade de Lima. Pelo cuidado da professora, eu posso lhe dizer assim, não sei se vai lhe ajudar, pelo carinho humano que o gestor, o professor, tem com cada criança. A criança aqui, ela tem uma auto estima muito grande que é proporcionada pelo professor, o professor ajuda, o professor acolhe e eu sempre digo assim: que a gente esqueça tudo da gente, mas que a gente invista nas nossas crianças, na nossas famílias, é nelas que a gente tem que pensar, meu pensamento com elas é assim. Então, é uma forma assim, de eu dizer para você que o carisma, o cuidar, o olhar, o escutar, que cada vizinha diz pra gente com carinho e a gente representar com amor, eu acredito que é um dos indicadores onde o CREI cresce através do cuidar da criança, do zelar pela criança.

APÊNDICE II: ENTREVISTA TRANSCRITA NA ÍNTEGRA (CREI SÃO FRANCISCO)

BLOCO I – GESTÃO, EDUCAÇÃO INFANTIL E O CONTEXTO LOCAL

- **Gostaria que você dissesse, a partir da sua experiência, como é gerir (ou coordenar pedagogicamente) um CREI aqui no Bairro.**

R: O desafio é grande, né? Porque a gente tem um público de classe baixa, né? E também, agora, de uns 3 anos pra cá ou mais, uns 5 anos pra cá, a gente também tá alcançando um público, que eu falo, dos pais responsáveis pelas crianças, é uma classe média, onde os pais trabalham e precisam deixar os filhos aqui. Na rotina, a gente recebe as crianças da manhã, que

o CREI ele dá 5 refeições diárias as crianças, as professoras recebem, juntamente com a monitora, tem uma auxiliar de sala, e aí começa toda a rotina. Troca de roupa, depois vão tomar o café da manhã, depois eles vão fazendo as atividades pedagógicas, as professoras passam, a gente é sempre orientada, pela Prefeitura, pelo DEI, que é o Departamento de Educação Infantil, em relação aos Projetos, em relação a cada semestre, a gente tem um projeto. E elas seguem, a gente faz também um planejamento pedagógico semanal para que isso aconteça. A gente também com a data comemorativa né? Que você sabe que a gente está com um problema muito grande, que não é só no Brasil, mas também, no mundo todo, que é a pandemia do Corona Vírus. E aí a gente tá com todos os cuidados né? Com o protocolo, a limpeza diária, com a conscientização, a gente também abordou esse tema, e agora a gente tá com o tema da Cidade de João Pessoa. Então, as crianças não ficam aqui só como se fosse só para ficar, mas sim, tem uma parte toda pedagógica. Tem o olhar, tem o cuidar, tem o brincar. E aí a rotina, eles acabam adquirindo uma rotina diária, né? Onde eles acabam tendo uma rotina deles. De 9 horas, tem o lanchinho que é sempre frutas, também acompanhado pela educação de alimentação, tem uma nutricionista, né, que manda o cardápio toda semana, que é para as cozinheiras seguirem. E aí depois eles vão correr. Como esse CREI é grande, ele tem uma área, então a gente divide para não aglomerar as crianças, tem todo cuidado, o CREI está todo sinalizado, e aí eles vão brincar na área externa que a gente tem aqui, que é um local muito bom, e eles brincam e depois temos a hora do banho e ainda tem a hora do almoço. Eles almoçam, um almoço também, como eu falei, de qualidade, feijão, arroz, verduras, né? Tem uns que não gostam, mas a gente sempre incentiva, né, que é bom para a saúde, depois do almoço eles tem os planinhos, né, que é o descanso deles, e aí quando acordam, eles vão acordando, tem a escovação, eles escovam os dentes, e aí depois tem o outro lanchinho, que é uma frutinha, geralmente salada de frutas, geralmente é um suco. Depois eles vão se arrumar né, para ir pra casa, eles tomam banhozinho, se arrumam, para depois jantar e aí esperar os pais ou responsável pegar eles pra irem para casa.

- **Queria também lhe ouvir um pouco sobre o que você pensa da Educação Infantil no contexto daqui do bairro e da escola pública.**

R: De grande importância. A Educação Infantil hoje é vista com outro olhar, né? Educação Infantil hoje é uma porta aberta pra, futuramente, a vida escolar da criança, né? É uma preparação, né? As professoras aqui do bairro, quando os alunos chegam no primeiro ano lá, quando eles completam 6 anos e vão para a escola, elogiam bastante, porque o aluno já chega tirando letrinhas do quadro, já chegam sabendo seu nome, a letrinha inicial, alguns já sabem fazer nome e sobrenome, juntando as letrinhas, é um convívio social, preparando ele para uma

vida futura, fora a rotina, socializa, eu acho de grande importância sim, a Educação Infantil dos CREIS né, é um convívio que as crianças passam a ter e isso é muito importante. A gente viu que nesse período, a gente passou quase 1 ano e 8 meses, devido a pandemia, a falta que fez, as crianças, a falta que fez aos pais e responsáveis, a escola, né? Porque a educação é uma porta para o futuro, né? É muito bonito quando eu vejo que vocês fazem esse tipo de trabalho comigo e com a educação, quando eu vejo vocês se formando, porque não pode acabar, o professor, o mestre, essa coisa que a gente é escolhida. Eu digo muito que a gente é escolhida, né? Porque a gente participa de um projeto muito bonito, que é trabalhar com criança. É muito bom, esse carinho que eles têm, é o social deles, o convívio deles é bem diferente. Eles chegam aqui, aprendem, eles têm a disciplina, eles brincam, eles tem os coleguinhas e a parte pedagógica.

BLOCO II – A ROTINA DO CREI

- **Como é a rotina no CREI? Como são os espaços em que as crianças estão inseridas? Quais os materiais que elas têm acesso? Como as atividades são feitas? Como são os momentos de socialização?**

R: Olhe, a rotina deles, eles têm, a Prefeitura, eu vou falar porque eu trabalho na Prefeitura, colégio particular é outra maneira de se trabalhar, mas a Prefeitura faz muita formação para os professores, isso é muito bom, é grandioso, a Prefeitura manda brinquedos pedagógicos, livros didáticos, eles têm brinquedos na área externa, eles têm acesso a material didático, eles tem acesso de fazer a sua própria tarefa, eles tem acesso, eles tem fardamento, tem bolsa, nesse tempo a Prefeitura ajudou muito os pais e responsáveis com a cesta básica, eles têm acesso a tudo, na verdade, as crianças dos CREIS de João Pessoa, eles vêm só com a roupinha, né? E aqui ganham fardamento, eles trocam a roupa pela farda que a gente distribui pra eles, e a gente continua com toda a nossa rotina interna. Aqui tem vigias, uma gestora, uma secretária, professoras, auxiliar de sala, apoio, cozinheira, lactarista e lavadeira. Então, cada uma na sua função, no seu trabalho, em prol das crianças, né? Então, cada uma aqui, é um trabalho de formiguinha, né? Os alunos tem acesso sim a vida escolar, as datas comemorativas, eles confeccionam suas próprias tarefas, às vezes a gente tem que fazer as lembrancinhas, eles têm acesso, hoje as crianças tem um acesso, um olhar, um cuidar, um educar, eles fazem as tarefinhas, a gente deixa um tempo a mostra para eles verem aquilo que eles fizeram, eles confeccionam os brinquedinhos deles, através de material didático que a gente tem disponível aqui no CREI. Então, é essa a nossa rotina, bem ampla, bem legal mesmo. É como eu falei, a gente tem um planejamento quinzenal, a gente faz tudo isso nesse planejamento, a gente decide o tema que vai ser trabalhado, juntamente com o tema que a Prefeitura passa pra gente, então a

gente está no tema “Cuidando da nossa cidade: João Pessoa”, então as atividades são todas voltadas para esse Projeto. As professoras dia 5 de Agosto não tinham ainda aula presencial, eram aulas remotas, elas foram para a cidade de João Pessoa, tirar fotos, mostrar os pontos históricos, mostrar a cidade de João Pessoa e faziam vídeos e desses vídeos, postavam nos grupos que elas tem até hoje, onde dão aula remota. E aí no dia 16 de Agosto a gente retorna com as crianças de 3 anos e aí a gente fez todo o Projeto para eles terem essa vivência com a prática pedagógica. Então, a gente se reúne, coloca o tema que vai ser trabalhado, direcionado por idade, a gente começou com as crianças de 3 anos, então as professoras seguem o plano de curso quinzenal que elas tem, elas tem os cadernos delas, com a busca de todas as crianças, qual a criança que está vindo, a criança que não está vindo, a frequência diária, elas anotam tudo nesse caderno. E aí se elas forem trabalhar letreirada, elas colocam cores primárias, às vezes atividades xerocadas, mas a gente não usa tanto, a gente gosta de trabalhar mais com atividades confeccionadas por eles mesmos, atividades que elas planejam, o ideal seria a professora responder para você, mas é dessa forma que trabalham. Eles têm também a tarefinha, com a vivência, de manhã e de tarde.

BLOCO III – OS INDICADORES DE QUALIDADE DA EI

- **Você conhece os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil? / Como foi/é o processo de implementação dos Indicadores de Qualidade neste CREI?**

R: Esses Indicadores de Qualidade são referentes a que? Não sei. É o Regimento Interno? PPP? Aqueles projetos que eu falei para você que a prefeitura passou no primeiro bimestre, é: Cuidando da minha história. O segundo bimestre, o projeto que a gente estuda é: Cuidando do planeta. E Cuidando de João Pessoa é agora o terceiro bimestre que eu passei pra você, certo? Terminou agora dia 22. E agora o quarto bimestre que tem o projeto que vai estudar que é Cuidando do Ser Criança, certo? Só para você ter acesso. As ações pedagógicas que você me perguntou... Não é as Leis de Diretrizes não, né? Que você tá me perguntando? A gente faz, como eu falei, essas propostas pedagógicas, a gente tem o PSF aqui do bairro que dá muita assistência a gente, tem campanha de vacinação, no ato da matrícula a gente pede o cartão de vacina das crianças, né? Pra gente ter essa parceria pra ver se a criança falta tomar alguma vacina, a gente sempre liga pros pais e responsáveis, e ajuda também o PSF dessa forma, que é esse daqui o da família, se eu não me engano. As meninas vêm pesar os meninos, vêm ver como é que tá as crianças, às vezes a gente tem a semana do bebê, muito interessante, a gente também tem essa parceria assim. Eu sempre faço reuniões com os pais e responsáveis, mas devido a pandemia esse ano eu não fiz muitas reuniões devido esse impasse, né? Mas os pais e

responsáveis a gente tem uma relação muito boa, graças a Deus, quando tem algum problema, a gente comunica, como é que tá a criança, se caso a criança está gripadinha, se tiver com febre, a gente conversa com os pais e responsáveis para não trazer, que a imunidade pode abaixar, né? Também a gente tem as outras crianças... A gente tem essa parceria também com os pais, na vida escolar dos filhos, eles vêm perguntar, as vezes eles (professores) podem detectar coisas que os pais não veem, tipo um autismo, tinha uma criança aqui que desde o berçário, ela dava os... a comidinha, ela olhava as tarefinhas, ela olhava os brinquedos muito de perto, e hoje ela tá com os 4 anos, devido a creche, por conta da creche, a mãe detectou que a criança tinha probleminha nos olhos, hoje a criança usa óculos. E assim, graças a vida escolar que as professoras, a auxiliar de sala, perceberem, junto com a família, a gente fez toda essa construção para que a criança não se prejudicasse, né, ainda mais. Em termos de datas comemorativas, dia das mães, dia dos pais, a gente sempre lembra, mesmo longe, na pandemia, a gente fazia, quando eles vinham pegar a cesta básica, a gente dava as lembrancinhas das mães, para as crianças presentear as mães, os pais também, quando teve a festividade de São João, a gente pediu, fez uma festinha de longe pra eles, todos de São João. Então, a gente trabalha dessa forma. O que mais? O conselho tutelar, que é bem presente, né? Devido o Rangel ter a Rua da Mata, São Geraldo, ter problemas sociais, que a gente sabe que tem, você mora aqui, você sabe, então o Conselho Tutelar ele é bem presente também no CREI São Francisco. A gente também quando precisa, buscam a psicóloga, a Prefeitura, assistente social, a nutricionista, né? A gente já teve criança aqui que tava muito abaixo do peso e em 2 anos a gente conseguiu dar o peso ideal a essa criança, junto com toda a equipe de educação, de saúde, né? Dá alimentação, a gente sempre se envolve em projetos, como o FNDE, que são projetos de alimentação saudável.

- **De qual maneira você como Gestor Escolar esse CREI exerce as dimensões apresentadas nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil?**

R: A minha gestão aqui é sempre tomar a frente, primeiramente pensando no bem-estar das crianças, né, é o que eu gosto de fazer, eu gosto muito dessa função, dessa minha posição, porque eu, de certa forma, primeiramente a vida da criança em si, num todo. De 0 a 3 anos a gente tem um olhar diferente, né? Eu fico preocupada com a importância de cada etapa da vida deles, depois eu tenho a turminha de 4 a 5 anos, eu gosto muito de ver o desenvolvimento de cada um, se estão conseguindo desenvolver, eu vejo o esforço também deles, eu sei que cada realidade é diferente do outro, de cada criança. A gente acaba se envolvendo, né? Eu faço de tudo pelas crianças porque eu acho que vale a pena, eu ser gestora por elas, eu gosto muito, elas me emocionam demais. Então, foi bastante difícil esses 1 ano e 8 meses longe deles, e assim,

eu corro atrás, vou buscar uma alimentação saudável, e já vem né, da Prefeitura, mas quando está perto de acabar eu me aperreio, eu vou atrás, enfim, fico olhando se cada salinha, fico perguntando às professoras, a auxiliar de sala, como é que estão as crianças, sempre busco ter responsabilidade nas entregas das planilhas, em geral, como fardamento, como de alimentação, como dos projetos, como do quadro de turnos, a buscativa, por que não tá vindo? O que está acontecendo? Essa parceria com os pais, com os responsáveis, quando a criança passa mais de uma semana sem vim eu me preocupo, eu vou atrás sim, começo a ligar, me preocupo com a saúde, também, da criança, quando eles estão dodóis, os pais chegam, podem vir, a gente tem essa preocupação de atualização dos telefones, a questão da rotina deles me preocupa bastante, hora de chegar, hora da saída, hora da alimentação, a creche tem que estar limpa, principalmente nesse momento de pandemia, está a creche sempre limpa, o uso da máscara, eu sei que com as crianças não é fácil, é um desafio, mas a gente tá conseguindo, a questão da aglomeração, a questão de se aproximar, é difícil, eles querem sempre estar perto dos amiguinhos, mas eu sempre falo: a gente vai conseguir. Eu gosto de incentivar muito as professoras, auxiliar de sala, eu acho que elas também estão na frente, tem que ter uma rotina de trabalho, de gestão democrática, ouvir todo mundo, tem que ter essa parceria sim, junto com todos os funcionários, um ambiente de trabalho bom, calmo, em paz, para a gente passar isso para as crianças e os pais e responsáveis terem confiança no CREI. Quando eu cheguei aqui o CREI tinha 78 crianças, mas hoje já vamos com 170 e muita lista de espera, graças a Deus, porque aí ele tem uma referência boa aqui no Rangel, sempre pessoas da comunidade querendo vagas, infelizmente não tenho como guardar para todos, mas a gente tá abrindo um anexo, a Prefeitura está com esse olhar agora e isso é muito boa. A gente tá abrindo o anexo e elas estão olhando agora esse cuidado e é isso. É gostar do que faz, ter amor pela educação, faz 6 anos que eu estou aqui nessa creche, os meninos de 5 já estão quase com 10, 9 anos, eu digo, Meu Deus, que lindo. E eu vou atrás, porque aqui é de 1 ano até 5 anos de idade, então as vezes eu vou atrás das escolas para que eles possam ter uma vaga, vou falar com as diretoras, geralmente no Dumerval, então não é só quando eles estão aí, também quando eles saem eu tenho essa preocupação, que eu sei que eles vão seguir na vida escolar deles, mas tem que ser, realmente, acompanhado, o cuidar, o educar, o olhar que a gente tem que ter com essas crianças, com sabedoria, mostrando a cidadania que eles tem, que eles vão enfrentar, então tudo isso, a gente tem uma participação muito boa aqui com as crianças e o que eu puder contribuir para a vida escolar deles eu vou sim, enquanto eles estão aqui eles são, eu tenho 2 filhos, então eu digo que tenho 172 crianças.

- **Como os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil aparecem no Projeto Político Pedagógico deste CREI?**

R: Você sabe que o PP, né, agora não são mais 3 P, é o Projeto Pedagógico, ele sempre vai estar em construção, né, é um documento grande, onde eu já tenho aqui em mãos, a gente saúda o prefeito, depois a secretária, ele está aqui na minha mão comigo. Então a gente tem os agradecimentos né, que a gente faz, eu faço sempre para a minha equipe que está comigo nesse dia-a-dia, falo também que a educação é a base para o futuro, também acredito que a educação salva, a educação é a preparação para tudo. Eu falo da nossa apresentação, falo da história do CREI, eu falo dessa comunidade escolar, a gente fala da nossa área interna, externa, aqui eu tenho 6 salinhas, 1 diretoria, eu tenho 1 área externa que eu já falei com você, eu tenho 1 refeitório, eu tenho 3 banheiros, 1 cozinha ampla, muito boa e tem os funcionários, que eu te falei, que é gestora, vigia, secretária, professoras, tenho o quadro demonstrativo, falo também da Constituição Brasileira, o ECA, a LDB, a Resolução do CME, CED, as propostas curriculares, que tem que ter, também falo da educação especial, eu tenho umas gêmeas aqui autistas, elas são gêmeas e autistas, acompanhadas pela Secretaria da Educação Especial, tá certo? E a gente tem esse olhar, o cuidar, o brincar, sempre falo isso aqui, temos os objetivos institucionais, que são o objetivo geral e os específicos, que é o envolvimento da comunidade, garantir a participação dos educadores, realizações de reuniões, envolver o corpo docente, ter os planejamentos das atividades, a metodologia, as realizações, enfim. Na parte administrativa, que é comigo, como eu falei para você, eu tenho esse comprometimento aqui enquanto eu tiver como gestora, e meu primeiro papel que eu trago aqui que é com as crianças, eu e os pais somos adultos, eu costumo dizer a eles: nós dois somos adultos, o que me preocupa são eles, então é isso. Organização dos conteúdos que as professoras passam, fico sempre em cima, sempre a par de tudo, eu estou 6 anos aqui, mas de educação eu tenho mais de 25 anos, então tem as atividades, organização pedagógica, como posso dizer a você... a hora do conto, atividades livres, a questão dos brinquedos, até mesmo a questão, que eles passam tanto tempo com o celular em casa, hoje em dia a gente sabe, que a tecnologia tomou conta, mas aqui a gente faz de tudo para eles brincarem, brincarem de uma forma pedagógica, eles tem os brinquedinhos aqui, então, tenho aqui meu cronograma de reuniões, de participações, os encontros, tenho o quadro de atividades pedagógicas, que é o plano das professoras, projeto, objetivos gerais, cronograma, tenho esses projetos, que são projetos quinzenais, bimestrais delas, que agora a gente tá trabalhando primeiro, segundo, terceiro e agora o quarto bimestre, que eu falei dos projetos. Temos a educação especial, que é um projeto de inclusão, que a gente não pode deixar

de ter, né? É a minha opinião. Eu concordo que as crianças tem que estar sim incluídas na sociedade, eu acho assim. Eu coloco assim no meu PPP e as referências como a gente construiu todo esse PPP. O meu PPP tem 39 páginas.

- **Você gostaria de falar sobre alguma experiência específica onde os Indicadores de Qualidade tenham sido contemplados?**

R: Eu gosto muito do que eu faço, eu gosto de participar aqui na comunidade, não só porque eu sou gestora aqui, mas pela preocupação com as crianças que eu falei com você, mas tem um fato muito interessante, que eu tive aqui, né, vou relatar para você, eu tinha uma criança aqui, ela era uma criança que a mãe se drogava muito e a criança passava a noite toda com ela, e até mamava, mas ela já tinha 3/4 anos, mas ela parecia uma criança de berçário, ela não crescia, ela não se desenvolvia, muito magrinha, e aí, eu junto com o Conselho Tutelar, junto com a escola, com as outras amigas diretoras, porque tinha uns irmãos, a gente conseguiu integrar essas crianças, junto a mãe, em um convívio social, e hoje quando eu passo, eu vejo uma família, não comum, mas uma família junta, com ela já grandinha, já crescida, a gente fez de tudo para que ela crescesse, ficasse grande, pegasse peso, a gente teve a ajuda de toda a equipe escolar do CREI São Francisco, como a gente teve a ajuda de toda a comunidade, muita gente, e hoje eles estão em um convívio social, para mim é muito bom. Consigo também participar de um projeto Crescer que tem aqui no bairro, gosto de participar de eventos, as meninas estão com um projeto aí para o bairro em questão das crianças com autismo, eu gosto sempre de participar, não só da creche, eu gosto muito de participar da comunidade também. Muitas coisas que a gente vê, que eu não gosto de falar, mas é a nossa realidade, essa desigualdade social, onde as crianças sofrem bastante, né? Adultos que não são capazes de pensar, né? Onde o seu cotidiano, esse tempo contemporâneo, esse tempo que a gente tá vivendo tão complicado, onde entra muitos fatores, como drogas, assaltos, cada vez mais violência, e aí as crianças sofrem um pouquinho. E a gente tenta aqui, cada dia que se passa, dar um ambiente mais calmo, um ambiente com paz pra elas. Acolher é a palavra certa. Quando vai pra casa vai começar tudo de novo, mas é o tempo que eles vão crescendo, que eles vão interagindo, indo para a vida escolar e o tempo vai dizendo como é que vai ser a vida deles, que Deus abençoe eles.